



MARATONA NA CORUNHA 24

A primeira Maratona Popular da Corunha celebrará-se o vindouro 15 de abril, mas já vem criando umha expectaçom grande no atletismo. Nem toda positiva, pois vozes críticas já sinalam o afastamento do “espírito popular”.

OPERAÇOM CAMPEOM 7

O levantamento do segredo de sumário da 'Campeom' deixa às claras a implicaçom de cárregos dos três grandes partidos. Entre as 40 pessoas que terão que passar polos tribunais há antigos e atuais cárregos da Junta.

“Conde Roa está obcecado com a ideia de impedir o trabalho da Gentilha, devemos estar mais alerta”



MACA IGREJAS, ativista e co-fundadora da associaçom cultural Gentilha do Pichel Pág. 6

NÚMERO 112 | 15 DE MARÇO A 15 DE ABRIL DE 2012 | 1,20 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA



Greve geral em resposta às medidas neo-liberais

A convocatória de greve geral para o dia 29 de março feita pola CIG e aderida por CUT, CNT e CGT, mais umha outra convocatória análoga feita polos sindicatos de Euskal Herria semelham ter forçado às centrais estatais a chamar à greve nessa mesma data. Num contexto cada vez mais complicado economicamente para a populaçom galega, e em plena vaga

de recortes de direitos sociais, o nosso país vivirá umha nova greve geral, e NOVAS DA GALIZA procurou a visom de sindicatos e movimentos sociais sobre a convocatória. CIG, CUT, CNT, o Bloco Anticapitalista da Corunha, a Assembleia do Obradoiro de Compostela e CCOO respondem sobre motivos, objetivos ou métodos para a protesta de finais de mês. / PÁG. 16

Mufest premia vozes das migrantes

A terceira ediçom do Mufest, Festival de Cinema feito por Mulheres, achegou a Compostela peças internacionais e debates sobre a relaçom entre género e produçom / PÁG. 22

CONTINUA A PRIVATIZAÇOM DE SERVIÇOS

A Junta evita gerir as novas escolas infantís

Anunciada em janeiro no DOG, a “contrataçom da gestom do serviço público de atençom educativa à primeira infância” para cinco novas escolas infantís é mais um passo no dismantelamento de serviços públicos em que se poderia resumir o governo de Núñez-Feijoo na Junta. A

Conselharia de Educaçom pom os centros em maos de entidades privadas, com contratos por valores que podem chegar a superar o custo que teria a gestom pública das escolas. Ainda, a privatizaçom é coincidente com a primeira suba dos preços por aluno desde 2002. / PÁG. 20



ANÁLISE DE PANORAMA NO SOBERANISMO

Creba do BNG abre debates e alianças

A recente ruptura no BNG, cenicada após a última assembleia nacional da frente com a marcha do Encontro Irmandinho -liderado por Beiras- e a maioria da corrente Mais Galiza, pom o ponto final a anos de disputa e sucessivas crebas na confiança

entre os setores atuantes no Bloque. Enquanto a atençom mediática se centra na reconfiguraçom dessas forças, distintos setores do soberanismo externo ao BNG tenhem-se posicionado pola participaçom na procura de possíveis confluências. / PÁG. 18

OPINIOM

GALIZA GLOBAL por Antom G.-R. ‘Tone’ / 3

UMHA PERSONAGEM SINISTRA CHAMADA GARZÓN por Rubém Centeno / 28

ESCÁNDALO por Ana Miranda / 3



SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA

MORCEGOS, OS SENHORES DAS TREVAS

Considerados criaturas demoníacas, houve sempre arredor deles umha série de lendas e de falsas crenças que esclarecemos

TEATRO POLÍTICO POR MARÍA DO CEBREIRO

Criaçom abre-se ao teatro ou nom abandona a poesia com As Branhas, diálogo entre presos e emancipaçom das pessoas

O PELOURINHO DO NOVAS

Se téas algunha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algunha inquietação ou mesmo algunha opinión sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderán exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA

GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçõs, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderán ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

INVEJA

Estou no aeroporto de Berlim, de regresso a casa depois de 5 dias na capital alemá. Leio no Novas a entrevista a Gustavo Luca sobre Fraga. Venhem-me à memória algumas das visitas que figem na cidade. O museu Topographie des Terrors, sediado onde a Gestapo e as SS torturavam e assassinavam os seus 'inimigos'. O quartel geral foi destruído, mas ainda se conservam os sotos onde se cometiam os crimes.

O museu Gedenkstätte Deutscher Widerstand, em memória de civis e militares que se opuseram ao fascismo. Ali están as biografias de homens e mulheres que foram detidas, torturadas, assassinadas, deportadas ou que partiram para o exílio.

Por toda a cidade há placas onde pessoas foram detidas e levadas a campos de concentraçom. Também o tinha visto em Paris, onde som marcados os pontos onde morreu alguém da resistência contra a ocupaçom nazi.

Viajei polo Vietname e também visitei museus em memória da resistência, dos horrores da guerra

e mesmo das conseqüências que tivo para os soldados ianques.

No Estado espanhol foi destruído o cárcere de Carabanchel, que podia ter sido um centro da memória histórica. Nom se quer lembrar o que acontecia na DGS até princípios dos anos 80. A minha tia Petra Cuevas estivo lá detida 45 dias nos anos 40 e foi torturada quase até morrer; nos princípios dos anos 80 ainda 'trabalhava' ali 'Willy, El Niño' e ali desapareceu Santiago Corella, 'El Nani', em finais de 83, já 'em democracia'.

Nengumha placa indica o sofrimento que houve no actual Marco de Vigo. Nada assinala os pontos onde manifestantes fôrom mortos polas FOP (Forças da Ordem Pública), às vezes comandadas polo próprio Fraga.

Os poucos locais de memória som assinalados, contra vento e maré, por associaçõs da chamada 'sociedade civil', e muitas vezes som profanados polos filhos e netos (de sangue e ideológicos) daqueles fascistas que nos governaram e continuam a governar.

Inveja! Isso é o que sinto quando fago estas viagens.

Luísa Cuevas Raposo

LUITA CONTRA O TEMPO

No cárcere o tempo é sumamente lento, preguiçoso, tedioso, teimoso... chega a pesar um mundo, um mundo inteiro que combater de algunha maneira, sem complexos e sem contemplaçõs ou estás lixado. Senom, ele come-te, deixando-che só o esqueleto. (...) O cárcere está feito para destruir a pessoa, submetê-la e humilhá-

la. Dispom de tanto tempo faminto que é fundamental continuar a lutar com todas as forças contra as humilhaçõs, pelejando por conservar a dignidade.

O inimigo nom quer que combatas o tempo. Por isso, pom-che mil e um empecilhos, censura-che a correspondência e obriga-che a estar deitado na cela ou no pátio todo o dia para que sintas com toda a crueza como te come o tempo. Para os presos comuns, ainda há

algunha atividade, como cursos de desportos, de informática, teatro, escola, etc. Para os presos políticos nom há nada disto.

Aqui, no cárcere de Topas, o módulo 2 representa a negaçom crua e nua. Nom há quarto para trabalhos manuais nem biblioteca. (...) Ninguém se reeduca nem se reinserta: é umha fábrica de delinquentes. A maioria entra, a primeira vez, por delitos menores, e depois voltam a entrar por delitos que ponhem os cabelos de ponta.

Estou disposto a combater o tempo e vou-no combater com unhas e dentes. Por tal motivo, os carcereiros consideram-me um preso perigoso e revistam-me a cela umha vez por semana. Nom inspecionam os barrotos, esquadrinham minuciosamente os papéis, detemem-se a ler os meus escritos, anotam os livros que estou a ler, e todas aquelas publicaçõs suspeitas de serem mui de esquerda ou independentistas requisam-nas como se fossem troféus de guerra. Pouco se importam com os 'delitos' por que estou aqui, senom com os ideais políticos, os objetivos por que luito.

Telmo Varela (Cárcere de Topas)

HUMOR PEPE CARREIRO



EDITORIAL

Resposta galega

A coexistência de múltiplos setores organizados no nacionalismo e no independentismo é um fenómeno que se reproduz nos diferentes espaços geográficos em que se manifestam os movimentos de esquerda e de libertaçom nacional na Europa. Costuma acontecer, porém, que quanto menos poder e incidência social entesoura umha determinada reivindicaçom, som mais as siglas que patenteiam a sua defesa. Ao mesmo tempo, quando estas apostas políticas ganham vigor e

se convertem em alternativa de poder é quando o motor ou motores da mudança ganham a legitimidade necessária que lhes permite agir como eixos unitários para dar coesom aos setores objetivamente interessados em tornar realidade as suas aspiraçõs.

É possível concluir, a partir da análise dos processos emancipadores do século passado, que nas luitas que possibilitáram a emergência de povos livres coexistírom duas grandes referências que se retroalimentárom: setores que,

reivindicando o autogoverno, se integrárom nas estruturas estabelecidas polos oponentes, junto com outros que defendêrom a rutura e negárom radicalmente a cooperaçom com os inimigos. Estes pólos batalhárom por separado e mesmo chegárom a se confrontar, mas conseguírom vencer quando os seus contributos servírom com eficácia para os fins que perseguíam. Alimentando as bases da sua potencialidade e fazendo recuar os poderes que tivêrom em frente. Batendo juntos, também, quando foi necessário.

A recomposiçom das peças que conformárom o nacionalismo re-

presentado polo BNG nas últimas duas décadas inaugura um cenário que nom pode ser valorizado a curto prazo. Servirá para que a Galiza avance ou recue na medida em que a síntese resultante contribua para incrementar tanto a consciência coletiva como a eficiência dos recursos com que contam as suas forças.

Num momento em que Espanha e o capitalismo passam à ofensiva, vai ser determinante a articulaçom de respostas audazes e conseqüentes. E também o soberanismo terá que cumprir para evitar que o mal-estar resultante da crise se torne em frustraçom. Um papel que só poderá exercer se oferece propos-

tas solventes a partir de referências aglutinadoras. A atomizaçom patológica que arrasta o independentismo só beneficia os poderes interessados na perpetuaçom do modelo social imposto por potências estrangeiras na nossa terra.

No contexto que enfrentamos, a greve geral servirá como medidor da força dos setores que nom están dispostos a se render perante a adversidade. Que o sindicalismo galego tome a iniciativa e que o seu chamamento seja secundado pola Galiza organizada recuperará nas ruas a presença da verdadeira naçom que também sabe passar à ofensiva e juntar as suas forças em momentos decisivos.



EDITORA
MINHO MEDIA S.L.

DIRETOR
Carlos Barros Gonçalves

CONSELHO DE REDAÇOM
Carlos Calvo Varela, Iván G³ Riobó, Aarón López Rivas, Xavier Miquel, Antia Rguez, García, Xoán Rguez, Sampedro, Raul Rios, Olga Romasanta, Alonso Vidal, Paulo Vilasenin

SECÇÕS
Cronologia: Iván Cuevas / Economia: Aarón López Rivas / Agro: Paulo Vilasenin e Jéssica Rei / Mar: Afonso Dieste / Media:

Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca / A Terra Treme: Daniel R. Cao / Além Minho: Eduardo S. Maragoto / Povos: José Antom 'Muros' / Dito e Feito: Olga Romasanta / A Denúncia: Iván García / Cultura: Antia Rodríguez / Desportos: Anjo Rua Nova, Isaac Lourido e Xermán Viluba / Consumir Menos, Viver Melhor: Xan Duro / A Criança Natural: Maria Álvares Rei / Agenda: Irene Cancelas / A Foto: Sole Rei / Tempos Modernos - Em Tempos: Carlos Calvo / A Galiza Natural: João Avelado / Gastronomia: Luzia Rgues., Sino Seco / Língua Nacional: Valentim R. Fagim / Criaçom: Patrícia Janeiro / Cinema: Francesco Traficante, Xurxo Chirro

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Manuel Pintor, Helena Irímia, Hilda Carvalho

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Natália Gonçalves, Zélia Garcia

ADMINISTRAÇOM
Sara Pérez Neira

LOGÍSTICA E PUBLICIDADE
Xoán R. Sampedro e Daniel R. Cao

AUDIOVISUAL: Galiza Contrainfo

IMAGEM CORPORATIVA: Miguel García

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartín, Pestinho, Xosé Lois Herme, Franxo Padín, Ruth Caramés, Pepe Carreiro

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo S. Maragoto, Fernando V. Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero (A Revista)

COLABORAM NESTE NÚMERO
Pepe Carreiro, Antón Gómez-Reino Varela 'Tone', Ana Miranda, Camilo Nogueira, Júlio Teixeira, R.R.B., M.B., Maria Álvares Rei, Rubém Centeno, Borxa Castro, María do Cebreiro Rábade Villar

FECHO DE EDIÇOM: 14/03/2012

OPINIOM

Pensando a Galiza global

Antón Gómez-Reino, 'Tone'

Fugindo da melhor das tradições galeguistas, o movimento de reivindicación nacional tem rejeitado a via da valorización do noso país na esfera política da esquerda global.

Do ponto de vista do nacionalismo galego, alternativa de governo com poder político e postulante ativo a ocupar posicións hegemónicas no campo social avanzando a partir do terreno institucional, a miopia quanto à importância de pôr a Galiza no mapa global tem sido relevante.

Tomando como experiencia o (vice)governo quintanista, o modo de abordar a cuestión tem-se situado fora do âmbito de atuação de um pretense governo progressista, fugindo de alianças ou afinidades com outras realidades que, usando o poder institucional, estejam a dar passos à esquerda no planeta. Com uma política exterior caracterizada polo provincialismo, o país foi pensado como marca comercial exportável através dos clássicos estereótipos impostos.

No que di respeito ao leque da esquerda independentista, atuando de forma antagónica às referências catalãs ou bascas, a subjetividade preponderante tem sido a de sugerir a ideia de que aquelas pessoas e coletivos interessados em fazer valer a ideia da Galiza na constelação de movimentos globais som uma sorte de aventureiros, quando nom autênticos complexados, que na realidade tentam procurar longe do país o que nom encontram nas singula-

ridades do próprio.

Porém, que acontece com os movimentos sociais, da cidadania organizada em geral? À exceção de dinâmicas concretas vinculadas ao tecido de centros sociais, de coletivos específicos setorialmente interessados na questão internacional (Altermundo, Amarante, Implicadas, FugaEmRede...) ou, em tímidas ocasiões, do ambientalismo em defesa da terra, a dificuldade para fazer uma análise complexa do contexto global tem feito que muitos dos movimentos populares do âmbito nacional ficassem orfos de referências e alianças além do checkpoint simbólico dos Ancares.

E que podemos fazer no futuro? Parece imprescindível abrir uma discussão plural em relação à necessidade de pôr, de forma coordenada, o planeta Galiza na esfera das esquerdas transfor-

madoras. E fazê-lo, pelo menos, em três parâmetros:

Primeiramente, consolidar a participação de ativistas do país em foros de debate e coordenação. Lugares como os FSM ou diversos encontros internacionais temáticos onde é preciso participar, tomar a palavra e, já de regresso no País, esforçar-se por difundir e comunicar.

Em segundo lugar, tentar ampliar a presença de ativistas com visom de país em ações políticas de envergadura internacional, como podem ser missões de apoio a lutas na América Latina (MST, Zapatistas, povos indígenas), no âmbito dos países árabes, ou em ações de ativismos coordenados, com vontade de transcender a esfera pública e romper a lógica sistémica da

cooperação internacional, valorizando a ação política solidária.

Finalmente, explorar as vias para que militantes dos movimentos, com perfis políticos e intelectuais específicos, possam participar, fornecendo e recebendo experiências, em processos de transformação política, especialmente no laboratório das esquerdas que continua a ser a América Latina, partilhando processos constituintes como os que têm lugar na Venezuela, na Bolívia ou, em diferente medida, noutros países aderidos ao ALBA.

Que pode tirar a pluralidade da esquerda nacional de uma estratégia como esta? Além de pôr o país no mapa como elemento central, fomentar uma nova base ativista impregnada de novas culturas políticas e de mobilização. Aproximar a Galiza das questões do sul e globais é essencial para compreender os fluxos dos processos de confrontação antissistémica atuais e por vir. Também se conseguiria trocar a perceção caritativa que grande parte da juventude tem em relação ao mundo nom ocidental por uma cultura solidária, radical e consciente ou elaborar novos âmbitos de conexão com uma Galiza exterior cada vez mais diversa

Aproximar a Galiza das questões do sul e globais é essencial para compreender os fluxos dos processos de confrontação antissistémica atuais e por vir. É hora de pôr este país com força no horizonte dos movimentos de emancipação

e fundamentalmente desconectada das dinâmicas antagonistas existentes no país.

Castelao dizia que "os bons galegos somos expatriados ainda que vivamos na Galiza". Porém, está na hora de pôr este país com força no horizonte dos movimentos de emancipação. E para todo isto som precisas duas premissas. Uma ideológica, a respeito de olhar o mundo sempre de um ponto de vista pós-colonial. E uma outra tática, na hora de pensar esta coordenação como um elemento táctico em que devem coordenar-se todas as sensibilidades dos movimentos de esquerda no país, sem vontades homogeneizadoras e aproveitando, no contexto atual de clara atomização, para empregar o terreno de pensar a Galiza global como um espaço de confluências e um campo para as alianças.

Antón Gómez-Reino, 'Tone',
é ativista de FugaEmRede



Escándalo

Ana Miranda

Simone de Beauvoir dizia que o mais escandaloso que tem o escândalo é que uma pessoa acaba por se afazer a ele. Escondido na escusa da tradição, dos usos e dos costumes, o mundo tem sido governado por homens. O objetivo sempre foi o mesmo: converter esse predomínio artificial numa espécie de normalidade. E abofé que o patriarcado alcançou esse objetivo.

O nosso país nunca foi alheio a essa realidade. A Galiza construiu-se graças à força das suas mulheres, mas também de costas viradas para elas. Maes e filhas que escreverem páginas dos vieiros da história da Galiza posteriormente fôrom apagadas por

aqueles que obstaculizavam o processo de libertação da mulher. E assim continua a acontecer na atualidade. Nessa Galiza idílica que parece existir só nos discursos de Feijóo, as mulheres veem-se notavelmente mais afetadas que os homens polo desemprego, no acesso (e permanência) ao mercado de trabalho, com evidentes conseqüências nas condições laborais e com diferenças salariais. Som também as mulheres as que primeiro abandonam o emprego para cuidarem dos seus familiares dependentes (21%, segundo dados do IGE de 2010), e das meninas e meninos (14,5%, IGE, 2010). A gravidez continua a ser um motivo de despedimento quotidiano, e o direito ao aborto, que devia ser uma evidência da

As mulheres estão mais afetadas que os homens polo desemprego e no acesso ao mercado de trabalho, com piores condições

vontade de cada mulher que deve decidir, ainda é um motivo de luta. Vivemos num mundo em que há muito que mudar.

Estudantes, desempregadas, avós, viúvas, labregas, jornalistas, marisqueiras, enfermeiras e médicas, trabalhadoras da função pública, sindicalistas, autónomas, pequenas empresárias, informáticas, caixas, dependentes, vítimas de violência, condutoras, mestras, limpadoras, em-

pregadas domésticas, comerciais, escritoras, e tantas outras, veem abafados os seus direitos na maré da indiferença e no contexto da dinâmica antissocial que padecemos nos últimos tempos.

No nacionalismo galego tentamos contribuir para mudar esta situação com iniciativas e propostas que cumpriria reforçar ainda mais, tal como foi aprovado numa resolução na passada Assembleia Nacional. Por isso, também aqui, onde nós, as mulheres galegas, estamos representadas, ademais de formar parte da Comissão da Mulher e Igualdade, a transversalidade de género está presente em todo o trabalho político como eurodeputada. Nesta câmara somos 261 deputadas, 34% do total, frente a 493 deputados e só o grupo do qual o BNG fai parte, Verdes-ALE, tem maioria de mulheres nos assentos do Parlamento europeu.

A naturalidade com que se assume esta situação, tanto na Galiza como na Europa é, citando de novo Simone de Beauvoir, o maior motivo de escândalo. Por isso as mulheres temos, temos, que continuar a trabalhar para conscientizar sobre a igualdade e desterrar a discriminação por género, temos que continuar a trabalhar para lutar contra a passividade e as propostas esmagadoras, e temos que continuar a trabalhar para que sejam promovidas políticas integrais e nom sejam anulados mais direitos. Aspiremos, pois, a trocar esta vergonha, e nom nos habituemos a este escândalo que se produz todos os dias.

Ana Miranda é deputada polo BNG no Parlamento Européu

Este artigo foi publicado originalmente no diário digital *Praza Pública*

ACONTECE

PESSOAL DA FUNÇOM PÚBLICA CONTINUA COM PROTESTOS



Nos primeiros dias de março sucedêrom-se concentraçoms de pessoal da funçom pública perante sedes públicas em protesto polos efeitos dos cortes nas despesas da Junta. Vam continuar a mobilizar-se e apresentárom alternativas para reduzir gastos.

SLG DENUNCIA CAMPANHA DE LEITE RIO



O SLG denunciou as mentiras difundidas pola Leite Rio na sua última campanha, onde afirma que nom desceu o preço do leite. Com os recibos na mao, demonstrárom que a descida desde dezembro foi de 1 cêntimo por litro.



Sindicalismo galego marca a data da primeira greve geral contra o PP

UNANIMIDADE OPERÁRIA PARA PARALISAR O ESTADO A 29 DE MARÇO

NGZ / A convocaçom de greve geral que a CIG decidira desenvolver no dia 7 de fevereiro foi apoiada por outros sindicatos de esquerda na Galiza e em poucos dias obtivo o apoio da maioria sindical basca, coincidindo no dia 29 de março como data propícia para umha mobilizaçom geral com o objetivo de incidir na tramitaçom parlamentar da reforma laboral, assim como na aprovaçom dos orçamentos do PP para este ano. A convocaçom que a CUT, a CGT, a CNT e a CIG apresentavam no registo em 2 de março foi finalmente secundada de maneira oficial polos sindicatos espanhóis UGT e CCOO no passado dia 9, com o qual a greve que inicialmente se ia desenvolver na Galiza e no País Basco terá efeito em todo o território do

Estado espanhol. Será a primeira grande resposta popular contra as diretrizes do governo Rajoy, ao que o sindicalismo acusa de atuar ao ditado das entidades patronais e os grandes capitais financeiros.

As centrais CCOO e UGT defendem a convocaçom pola “intransigência” do Governo espanhol na hora de negociar os conteúdos de umha reforma laboral que qualificam como “injusta, ineficaz e inútil”, enquadrando-a num “ataque sem precedentes ao estado do bem-estar e aos serviços públicos”.

A CUT realizou um chamamento à unidade do coletivo de trabalhadores e trabalhadoras assim como das pessoas em situaçom de desemprego por “um futuro com trabalho e dignidade”. Em paralelo, o anarco-sindicalismo repre-

sentado na CNT concluiu que “agora mais que nunca, a nossa classe tem que sair à rua a lutar polos nossos direitos”.

10 de março

A CIG já aqueceu motores no dia 10 de março, dia da classe operária galega, com a realizaçom de mobilizaçoms nas 7 principais cidades, em Vila Garcia e em Ribeira, denunciando o “saqueo à classe trabalhadora” e pedindo umha resposta “com toda a força necessária” para “impedir a consumaçom desta agressom brutal”. Por sua vez, a CUT desenvolveu umha concentraçom para comemorar a efeméride em Vigo no dia 9 de março enquanto CCOO e UGT realizárom mobilizaçoms no 11 de março a nível estatal.

Julgam solidários e detenhem militante em Compostela

NGZ / No dia 21 de fevereiro tivo lugar no Tribunal nº 2 de Compostela um julgamento contra familiares e amigos do preso independentista Santiago Vigo, acusados de tentar libertá-lo durante umha transferênci do mesmo para dependências judiciais. O organismo antirrepressivo Ceivar qualificou a acusaçom de “farsa policial” e tentativa fiscal de “castigar as mostras de apoio aos presos”. A fiscal pediu a condenaçom de A.P. X.L., I.R. e R.A. a um ano e meio de prisom polo delito de atentado à autoridade, e de A.P. e R.A. a 5 meses de prisom polo delito de evasom de presos em grau de tentativa. Em virtude de atenuantes, a petiçom fiscal para E.V. fora reduzida a umha pena-multa de quota diária de 12 euros durante 2 meses, ficando a acusaçom de duas lesoms em faltas de lesoms, punidas com responsabilidade civil de 300 euros cada umha delas. Ainda, terá que enfrentar umha pena-multa de quota diária de 12 euros durante 40 dias. Está pendente a sentença.

O julgamento decorreu num ambiente mui tenso, com umha grande presença policial nos Tribunais das Fontinhas. Umhas trinta pessoas chegárom-se ao mesmo em solidariedade com os independentistas, exigindo a liberdade dos mesmos. Umha disputa entre o militante independentista X.R. e um dos polí-

cias que escoltava Eduardo Vigo -traído diretamente da prisom para o julgamento-, quando o primeiro e a mae do preso o tentárom saudar, deu na ordem de despejo da sala entre berros de “Viva Galiza Ceive!” e “Vencemos!”. Em consequência, X.R. foi detido, levado à esquadra policial e libertado com acusaçoms pouco depois por atentado contra a autoridade.

Transferem Eduardo Vigo

Posteriormente, no dia 23 de fevereiro, depois de participar no julgamento das Fontinhas, o preso independentista Eduardo Vigo foi transferido da prisom de Teixeira para a de Córdova, situada a mil quilómetros da sua morada. Lá permanece em isolamento, e já denunciou ameaças por parte de carcereiros e novas restriçoms na sua vida dentro da cadeia. Ceivar, como medida de protesto, editou postais solidários para enviar à direçom do cárcere, exigindo o respeito polos direitos fundamentais de Eduardo Vigo e o fim das ameaças.

Por sua vez, o sindicalista Telmo Varela cumpriu no passado 9 de março um ano em prisom preventiva, sem ter sido ainda submetido a julgamento nem ter marcada data para o mesmo. O viguês estivera já 22 anos em prisom pola sua militância comunista nas décadas de 80 e 90.

CRONOLOGIA

10.02.2012 / Suspende-se o julgamento contra Carlos Callón, presidente da Mesa, após a juíza recusar a defesa.

11.02.2012 / A direçom de Esquerda Nacionalista acorda a cisom do BNG.

12.02.2012 / Encontro Irmandiño abandona o BNG.

13.02.2012 / Marinheiro da Póvoa falece no porto de Ribeira ao receber umha pancada na

cabeça enquanto estava a trabalhar.

14.02.2012 / Dúzias de estudantes impedem umha homenagem a Manuel Fraga Iribarne na Faculdade de Filosofia da Universidade de Santiago.

15.02.2012 / Uns 70 trabalhadores de Novagalicia Banco e Banco Pastor concentram-se diante do Parlamento da Galiza para protestarem contra as reformas financeira e laboral.

16.02.2012 / Coquetel molotov contra os escritórios de Friger, com o pessoal em ERE de extinçom, em Ponferrada.

17.02.2012 / CIG convoca de forma independente greve geral para o dia 29 de março.

18.02.2012 / Sete pessoas feridas ao derrubar-se um prédio em Vigo.

19.02.2012 / Mais de 140.000 pessoas manifestam-se contra

a reforma laboral nas mobilizaçoms de CCOO e UGT em Vigo, Corunha, Ferrol, Santiago, Ourense, Ponte Vedra, Lugo, Vila Garcia e Burela.

20.02.2012 / Segundo dados do Serviço Público de Emprego Estatal, 95% das ofertas de trabalho na Galiza som com contratos temporários.

21.02.2012 / Um moço é detido durante o julgamento a cinco independentistas em Compostela.

22.02.2012 / Encontram morto, presumivelmente por suicídio, um rapaz com tutela da Junta, de 16 anos, no centro de menores de Monte Alegre (Ourense).

23.02.2012 / Mais de 20.000 pessoas manifestam-se contra os cortes na funçom pública em Vigo, Corunha, Ferrol, Compostela, Ourense, Ponte Vedra, Lugo e Barco.

24.02.2012 / Segundo dados de Cáritas, a taxa de pobreza da

O 'AMO DO PÁRAMO' CONTINUA A FAZER DAS SUAS



Gumersindo Rodríguez Liz, alcalde do Páramo, foi acusado de retirar a luz pública a lugares onde residem votantes do PSOE enquanto dispom de dous farois aluminiando a sua casa. Por umha dedicação contabilizada em duas horas diárias está a receber um salário de 1.500 euros, ao que se opujo o grupo municipal 'socialista'.

HOMENAGEIAM XOSÉ REIGOSA EM MONTE FERRO



O ativismo ecologista homenageou Xosé Reigosa no passado dia 3 de março na península de Monte Ferro (Nigrán), um espaço natural de cuja defesa foi protagonista. Reigosa foi fundador de Salvemos Monte Ferro e impulsionador de movimentos como Galiza Nom Se Vende e A Ria Nom Se Vende. Faleceu no passado 21 de fevereiro.



Feijóo aprova com urgência as suas leis mais polémicas

REDUZ AO MÁXIMO A TRAMITAÇÃO DOS PROJETOS LEGISLATIVOS

NGZ / Há poucos dias, o governo de Feijóo passava por cima da forte oposição popular e dava luz verde à Lei de medidas temporárias em determinadas matérias do emprego público da Comunidade Autónoma da Galiza, isto é, o plano de cortes para o pessoal do setor público. A norma foi aprovada sem contar com o apoio do setor nem da oposição seguindo o procedimento da "leitura única", umha via rápida para aprovar leis que reduz ao máximo a tramitação dos projetos legislativos, minimiza a capacidade de intervenção dos grupos da oposição e, por lógica, deixa pouca margem para que as leis sejam debatidas

na esfera pública. Segundo indica o Manual Parlamentar, as circunstâncias nas quais se pode recorrer a este procedimento obrigam a um "consenso entre as forças políticas", consenso totalmente inexistente nas últimas leis fomentadas polo PP.

Assim, a "leitura única" era já empregada por Feijóo só dous meses após a tomada de posse, quando eliminou a obrigatoriedade de realizar polo menos um exame em galego em cada processo de oposição. Esta modificação da Lei da Função Pública respondeu, segundo a daquela conselheira, a um modo de "garantir os direitos lingüísticos dos opositores" no menor tempo

possível. As reformas da Lei de Caixas e da Lei de Comércio fôrom empreendidas do mesmo modo, assim como a Lei de medidas urgentes para a modernização do setor do transporte público. O denominador comum foi evitar um debate público em torno de umhas reformas que se anunciavam polémicas.

Outro trâmite empregado polo PP para a aprovação deste tipo de leis é o "procedimento de urgência", mais lento que o anterior mas que reduz igualmente pola metade o tempo de tramitação. As reformas da Lei de Pesca ou da Lei de Disciplina Orçamentária fôrom aprovadas deste modo.

Incêndios de março ponhem em causa a gestom de Meio Rural

NGZ / No começo do mês de março a responsável pola Conselharia do Meio Rural e do Mar, Rosa Quintana, informava de que, ao longo do ano em curso, os incêndios florestais queimárom 2.500 hectares na Galiza, um milhar mais que no mesmo período de 2011. Porém, os dados ficam já desatualizados, já que no momento de redigir esta notícia, o monte continuava a arder. Na tarde de 11 de março Meio Rural dizia ter controlado um incêndio que arrasara mais de 100 hectares em Folgoso do Courel, e poucas horas antes informavam da extinção de um outro registado em Cervantes, no que arderam 28 hectares. Nesse fim

de semana também fôrom registados incêndios em Aviom, Veiga, Lallim, Ribeira e Boiro.

Os meios anunciados (mais de 4.000 guardas civis, 1.500 efetivos do serviço contraincêndios, sete helicópteros da Junta e dous do Estado, ademais de brigadas de tarefas preventivas que enviou o governo espanhol), continuam a ser insuficientes dada a situação climática que se viveu na Galiza durante o mês de fevereiro e a primeira quinzena de março. Além disto, as queimas, causadoras de umha parte importante dos incêndios florestais, continuárom a ser autorizadas até o dia 12 de março.

Soberanismo concorre nas eleições asturianas

NGZ / O Partido da Terra registou a sua candidatura para as eleições asturianas que vam ter lugar no dia 25 de março com o objetivo de defender publicamente "sem medo e sem complexos, a voz das pessoas comprometidas com os interesses e com a cultura da Terra Eu-Návia".

Esta organização política, de recente criação, integrou na sua candidatura pessoas vinculadas a diferentes entidades, a maioria sem ligação com o seu partido. Procuram dinamizar um relacionamento

normal de pessoas que partilham umha língua comum aquém e além do rio Eu. Assim, participam como independentes Ánxel Suárez Álvarez, Luis González Blasco 'Foz', Daniel González Vázquez 'Lavese-do' ou Alexandre Banhos.

A reivindicação histórica da faixa leste da Galiza volta à atualidade em terras sob administração asturiana, depois de que Nós-UP tenha mantido nos últimos anos atividade na comarca do Berzo, administrada pola comunidade de Castela-e-Leom.

CRONOLOGIA

Galiza situa-se entre 15 e 20 por cento.

25.02.2012 / Mais de 700 pessoas manifestam-se em Compostela para denunciar a privatização dos serviços públicos e o desmantelamento do Consórcio Galego de Serviços de Igualdade e Bem-Estar.

26.02.2012 / Presidente da Feigamp, José Manuel Rey, reclama subir o preço dos serviços municipais.

27.02.2012 / Funcionários fecham-se em edifícios da Junta e na CRTVG contra a Lei de Medidas no Emprego Público. Ao dia seguinte, uns 2.500 protestam perante o Parlamento.

28.02.2012 / Detenhem em Bueu um menor dentro de operação contra Anonymous.

29.02.2012 / Vizinhança da Granha (Ferrol) ocupa o consultório médico do bairro perante a ameaça de fechar o serviço.

01.03.2012 / Dez pessoas detidas por presumível autoria de incêndios em Doçom, Toques, Ordes, Santa Comba, Valga, Aviom, Mesquita, Lugo e Baralha.

02.03.2012 / Dados do Ministério espanhol de Emprego e Segurancia Social refletem umha subida em fevereiro de 1,25% do desemprego na CAG, até atingir as 274.675 pessoas.

03.03.2012 / Julia Lorenzo Diz, vizinha de 64 anos de Vilarde-

vós, é assassinada polo seu homem, Ángel Lorenzo Barrios, que se suicida a continuación.

04.03.2012 / Pessoas afetadas polas participações preferentes manifestam-se em Vigo e na Corunha contra o que qualificam de "corralito" que atinge clientes de Novagalicia Banco.

06.03.2012 / Pai de Diego Viña é julgado por ter denunciado a morte do seu filho no quartel da Guarda Civil de Arteijo.

07.03.2012 / De madrugada, assaltam a Casa do Concelho de Quedro e queimam as bandeiras galega, espanhola e europeia.

08.03.2012 / Polícia local de Vigo detém um homem acusado de violar umha mulher com a que mantinha umha relação sentimental.

09.03.2012 / CCOO e UGT decidem convocar também greve geral para o dia 29 de março.

IMPUTAM CORINA PORRO POR FALSIDADE DOCUMENTAL



A presidenta do Conselho Económico e Social e ex-presidenta da Fundación Porto de Vigo, Corina Porro, está imputada por falsidade documental. Mudou a sua declaração para se proteger, aduzindo que nom existiu umha junta de patronos nem umha ata da reunión em que se teria decidido o despedimento de um alto cargo.

RIAZOR BLUES DENUNCIAM PERSEGUIÇÃO POLICIAL



A Policía Nacional espanhola vetou a megafonia da cla- que antifascista Riazor Blues e propujo umha sanção ao *speaker* do grupo por ter supostamente insultado um jo- gador de umha equipa contrária. Denunciam que a ver- dadeira razão do veto é ter lembrado pola mesma o pas- sado fascista do recentemente falecido Manuel Fraga.

MACA IGREJAS É SÓCIA E ATIVISTA DA GENTALHA DO PICHEL DESDE A FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO

“A ordenança de ‘ocupação indevida’ da rua permite sancionar à vontade do Concelho”

RAUL RIOS / Na noite do dia 23 de junho de 2010, o centro social da Gentalha do Pichel organizava, como cada ano, a sua cacharela de Sam Joám numha praça da cidade velha de Compostela. Numha das paredes havia umha faixa pendurada em que podia ler-se “Na Galiza, só em galego”. Um mês depois, por essa faixa, a Gentalha recebe umha multa por valor de 1.500 euros, por “ocu- pação indevida da via pública”, e outra de 300 euros por exceder o horário permitido. Começa assim um processo que leva ao jul- gamento que terá lugar no dia 9 de abril. Maca Igrejas, veterana ativista da Gentalha, explica o caso para o NOVAS DA GALIZA.

Como se desenvolvem os factos desde que vos notificam a multa? A multa chegou aproximadamen- te um mês depois da Cacharela. Quando a recebemos nom podíam- os acreditar. 1.500 euros por pendurar umha faixa? 300 por- que havia gente na praça depois da hora autorizada para a festa? Desenvolvemos umha campanha de protesto denunciando a situa- çom, para que a cidade soubesse como o Concelho viola a nossa li- berdade de expressom. Recorre- mos a sanção duas vezes pola via administrativa, mas o concelho nom forneceu as provas solicita- das ou umha resposta ao nosso recurso, simplesmente dixo que 'nom o aceitava'. De maneira que decidimos optar pola via judicial. O processo é custoso e esgotador, mas achamos que nom podemos aceitar tal abuso de poder sem nos tentarmos defender. A dia 9 de abril teremos o julgamento.

Qual é a vossa reação quando vos chega esta multa? A nossa reação foi, evidentemen- te, de muita surpresa. Aplicam- nos a máxima sanção da orde-

nança por “ocupação indevida da via pública”, catalogando-a de in- fração grave. Em dita ordenança estabelecem-se como exemplos deste tipo de atos sancionáveis a 'condução negligente e temerária' ou a 'omissão de auxílio em caso de socorro'. É evidente que pendu- rar umha faixa numha parede nom tem muito a ver com este tipo de infrações. Do nosso ponto de vista, nom há dúvida de que se tra- ta de umha ordenança que permi- te sancionar entidades à vontade das administrações, e com san- ções que, por serem tam elevadas, podem tornar-se impossíveis de pagar para muitos coletivos, im- plicando a sua desapareição. Trata-se de umha ordenança que, além disto, só se aplica a ini- ciativas ou organizações incómo- das para o poder. Pouco depois da Cacharela, Compostela sofreu a vi- sita do Papa e a seleção espanhola ganhou o mundial de futebol. As faixas e bandeiras que se pendu- ram nesses dous acontecimentos som também puníveis como ocu- pação indevida da via pública, mas nesse caso nada se fijo. Por- quê? Como já foi dito, porque essa



ordenança só se aplica quando quem se está a expressar é incó- modo para o poder estabelecido. Como vai acabar o julgamento e que faredes caso o perdades? Sinceramente, nom sabemos. Concentramo-nos no julgamento, sobretudo, como umha oportuni- dade para dar a conhecer o nosso trabalho de ativismo cultural, de defesa da nossa língua e cultura, em favor da defesa e conhecimen- to do meio natural e da recupera- çom da memória da comarca e da Galiza. Som mais de 8 anos a tra- balhar de forma autogerida e de- monstrando a viabilidade da Gen- talha, que só se encontra questão- nada por multas como esta. As sanções confirmam a necessida- de do nosso projeto, já que a nossa maneira de entender o ativismo

cultural é radicalmente diferente da cultura enlatada e turística que promovem as instituições. Em todo o caso, aproveitades o golpe para tentar reforçar-vos. Em que consiste a campanha para instaurar o 9 de abril como Dia do Associativismo Cultural? Consiste em chamar a atenção das pessoas que simpatizam com o nosso projeto cultural sobre a importância de participarem. Nós somos um centro social maiorita- riamente autogerido. Isso implica que nós decidimos a linha de tra- balho, mas também que estamos aqui por vontade das sócias e dos sócios da Gentalha, que quere- mos um espaço cultural diferente em Compostela, 100% em galego e nom submetido às instituições. Precisamente por esta razão pre-

cisamos de alargar o número de associados e associadas, para dar-nos estabilidade e permitir- nos enfrentar este tipo de emba- tes com mais solvência. A multa foi imposta polo bipar- tido PSOE-BNG e executada po- lo atual governo do PP. Mudou o trato do Concelho com o centro social desde a mudança? Nós somos críticas com o gover- no atual, igual que o fomos com o governo anterior, pois considera- mos que o modelo de cidade que promovêrom e promovem é o mesmo: umha cidade virada para o turismo religioso, que fomenta setores produtivos geradores de empregos precários e umha vi- som folclórica da nossa cultura. Apesar dos canais de diálogo abertos com o governo anterior, é difícil esquecer o boicote a que submetêrom iniciativas como a festa do 17, especialmente nos primeiros anos de existência da associação. Mesmo assim, é evi- dente que a chegada à Cámara Municipal de um indivíduo como Conde Roa, obsessivo com a ideia de impedir o trabalho da Gen- talha, dificulta ainda mais a dina- mização social e cultural da ci- dade quando esta escapa ao seu controlo. É necessário que ande- mos mais alerta que nunca. Mais umha vez, a Cámara Mu- nicipal assume que as ruas nom som para o uso de todas, para a livre expressom das cidadãs e ci- dadaos participativos, senom pa- ra quem eles decidirem.

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar S. Marinha · Ginzó de Límia	CSO Bairro do Cura Bairro do Cura · Vigo	CSO Casa do Vento Figueirinhas · Compostela	Fervestelo Adám e Eva · Ferrol	CS Lume! Gregório Espino · Vigo	A Revira Gonz. Gallas · Ponte Vedra	Tarabela Donramiro, 17 · Lalim
Arredista Rodas, 25 · Compostela	A.C. Bou Eva Terço de Fora · Vigo	CSO A Casa Negra Perdigom · Ourense	O Fresco Bº da Ponte · Ponte Areias	Módia Leva Serra de Ancares · Lugo	A Revolta do Barbés Rua Real · Vigo	A Tiradoura Reboredo · Cangas
CS Almuvina Rosalia de Castro, 46 · Marim	A Casa da Estación Ponte d'Eume	LS do Coletivo Terra Boa Vista · Ponte d'Eume	A Ghavilla Ponte da Rainha · Compostela	CSA La Madriguera del Oso Pardo R. México · Ponferrada	A Revolta de Trasancos A Faisca · Narón	CS VagaLume R. das Nôreas, 5 · Lugo
Artábria Trav. Batalhons · Ferrol	A Casa da Triga P. Maior · Ponte Areias	A Cova dos Ratos Romil · Vigo	Gomes Galoso Monte Alto · Corunha	CSO Palavea Palaveia · Corunha	CSOA O Saiguelrón Zona Massó · Cangas	CSA Xogo Descuberto R. Salvaterra, Coia · Vigo
Aturajo Principal · Boiro	Casa dos Caracóis Avda. da Igreja, Arca · Pino	Faisca Calvário · Vigo	Henriqueta Outeiro Quir. Palácios · Compostela	O Pichel Sta. Clara · Compostela	Sem um cam Rua do Vilar, 9 · Ourense	CSA Zalenvá R. Carris, Valença · Barbadás

DETENHEM GALEGO QUE VINCULAM COM ANONYMOUS



Um moço natural de Bueu de 16 anos foi detido a 29 de fevereiro pela Polícia Nacional espanhola sob a acusação de participar na rede de Anonymous. Em liberdade com acusações, relacionam-no com ataques contra entidades e empresas, e de divulgar dados de GEO's e guarda-costas de altos cargos.

TRASMIRAS POSSÍVEL LOCALIZAÇÃO PARA AVIONS DA NATO



O concelho de Trasmiras en Ourense pode converter-se na próxima atalaia do imperialismo americano à hora de vigiar os movimentos de parte da Europa e norte de África. Numha recente reunião da NATO, o responsável de defesa americano comentou para o ministro da Defesa espanhol a possibilidade de empregar Trasmiras.

Corrupção socializa-se entre os três grandes partidos na 'Campeom'

NÚÑEZ FEIJÓO ABSTÉM-SE DE TOMAR MEDIDAS CONTRA ALTOS CARGOS IMPUTADOS

NGZ / O levantamento do segredo de justiça da chamada Operação Campeom no começo de março acabou por constatar as suspeitas divulgadas sobre a implicação de destacados membros dos três partidos com representação parlamentar no Hórreo. O processo judicial que investiga delitos de fraude na concessão de subvenções públicas, tráfico de influências e suborno atinge 40 pessoas imputadas entre as quais se contam os ex-deputados do PP Pablo Cobián e do BNG Fernando Blanco, o ex-ministro do PSOE José Blanco –processado no Tribunal Supremo polo cargo eleito que ocupava–, e ainda altos cargos da Junta, funcionários e empresários. No fecho desta edição, era imputado também o alcalde de Lugo José López Orozco.

Tal e como no caso dos sumários abertos contra os valencianos Francisco Camps ou Carlos Fabra, não se produziram sentenças condenatórias e é possível que isto tampouco vá acontecer contra os eleitos dos três partidos, se bem que, como no caso levantino, a sua implicação direta nas tramas ficasse mais que clara a partir da divulgação do sumário em que se incluem conversas telefónicas e documentos da trama à cabeça da qual se encontra o empresário lucense Jorge Dorribo.

Feijóo desentende-se

Apesar de que a trama de corrupção implica os máximos responsáveis pelas conselharias de Infraestruturas, Agustín Hernández; Economia, Javier Guerra, e Sanidade, na altura Pilar Farjas, assim como a diretora da Agência Galega de Infraestruturas, Ethel Vázquez, o presidente Núñez Feijóo mostra-se satisfeito com a destituição da cúpula do Instituto Galego de Promoção Económica (IGAPE) como medida para depurar responsabilidades políticas das quais ele mesmo não se livra. Jorge Dorribo, da mesma maneira que assegura ter pago ao ex-



JORGE DORRIBO está à cabeça da rede

ministro José Blanco, acusa o presidente da Junta de ter mediado para a aceleração da concessão de subsídios às empresas envolvidas na trama.

Múltiplas atividades

A rede à qual inicialmente se aludia no negócio farmacêutico em que se teria comercializado com medicamentos caducados e para a qual teria obtido subsídios, entre eles

um proveniente do IGAPE, por valor de 3 milhões de euros apoiados em facturas falsas, inclui outros âmbitos de negócio como o dos transportes através do sócio de Dorribo, José Antonio Orozco de Azkar, ou as cobiçadas infraestruturas por meio da Proitec. O empresário lucense e os seus sócios aludem a Agustín Hernández e Pilar Farjas como amigos com que contam, dispostas a favorecer

os seus negócios. O financiamento de campanhas eleitorais e os pagamentos diretos a cargos públicos estariam por detrás dos favores concedidos.

Também o BNG

O sumário da Operação Campeom situa o ex-chefe de gabinete de Fernando Blanco na Conselharia de Indústria, Xoán Bazarra, como testa-de-ferro do ex-conselheiro na trama dentro da empresa andorrana Tramipharm, na qual também disporia de participações José Blanco. Bazarra exercia como gerente das divisões empresariais de Dorribo em Andorra, através das quais se realizavam cruzamentos de pagamentos de facturas entre empresas da trama. Em gravações divulgadas no levantamento do segredo de justiça chega a advertir o empresário Jorge Dorribo da possibilidade de que certas operações podam gerar suspeitas sobre a sua legalidade perante os órgãos fiscalizadores do Principado andorrano. O salário de 1.200 euros aludido polo ex-conselheiro de Muros para a sua defesa não incluiria outro tipo de pagamentos que, de terem existido, seriam realizados através das 'contas B' que o próprio Bazarra levou a reuniões da trama, conforme consta em escutas telefónicas nas diligências processuais.

Fam desaparecer da Junta contrato irregular vinculado a altos cargos de Infraestruturas

NGZ / A Conselharia de Infraestruturas, dirigida por Agustín Hernández, que conta com quatro altos cargos imputados na operação Campeom, fijo desaparecer o contrato de melhoria da estrada entre Cerdedo e Campo Lameiro (PO-230) que conforme as investigações judiciais foi concedido arbitrariamente à empresa de Jorge Dorribo Proitec. No entanto, agentes aduaneiros deram com o documento na sede da empresa.

A diretora de infraestruturas Ethel Vázquez Mourelle, imputada, declarou a Aduanas que o

documento não existia. Junto a ela estão a ser processados os ex-subdiretores gerais de estradas, Luis Miguel Muñoz Bretos e Mateo Maigler, assim como Antonio López Blanco, que exercia como subdirector geral de Planificação e Programação de Infraestruturas.

Conforme as escutas incorporadas no sumário, dirigentes da Conselharia assessoraram a empresa para adequar a adjudicação do projeto para que fosse outorgado à empresa conforme os requerimentos previstos.

Queimam viaturas no Porrinho e assaltam Casa do Concelho de Quedro

NGZ / Nas últimas semanas produziram-se sabotagens nos concelhos do Porrinho e Quedro, nenhuma das duas reivindicada.

Incendiam viaturas no Porrinho

Na madrugada do dia 21 de fevereiro três veículos que se encontravam no recinto de uma empresa da paróquia de Budinho, ficaram praticamente calcinados após serem borrifadas com gasolina. Um camião com reboque ficou inservível, assim como uma furgoneta Renault Express, e o rés-do-chão em que estava um dos veículos foi afetado também polo lume, apagado polos bombeiros. A polícia judiciária deslocou-se até o lugar da sabotagem para tomar amostras e a Guarda Civil aponta uma vingança laboral polo encerramento de outra companhia relacionada com a propriedade, dedicada à construção no boom dos 90, que despediu os trabalhadores nos últimos meses. De momento não se efetuaram denúncias nem reivindicações.

Casa do Concelho de Quedro

Na madrugada do dia 6 de março um grupo entrou na Casa do Concelho de Quedro, provocando numerosos destroços. O gabinete do alcalde, o do secretário, o Tribunal de Paz e a sala de plenários foram as divisões atacadas, incluindo mobília e computadores. Na última prendêram lume numha bandeira espanhola. No exterior retiraram as três bandeiras dos mastros: espanhola, galega e europeia, queimando-as também. A Guarda Civil investiga os factos, que paralisaram a atividade municipal durante um dia. O alcalde polo PP, Luciano Rivera, declarou que "não há nenhum conflito", mas assinalou que "não temos conhecimento de que roubassem nenhum documento, porque dinheiro não havia", o que dá mais força à hipótese da motivação política. Por sua parte, o subdelegado do Governo de Espanha em Ourense, Roberto Castro, opina que "parece um ato de vandalismo mais do que uma ofensa política".



Solicitam prisom para Díaz Ferrán

NGZ / O ex-presidente da CEOE Gerardo Díaz Ferrán enfrenta um pedido de condenação por parte da Fiscalía da Audiência Nacional espanhola que se eleva a dois anos e quatro meses de prisom e umha sanção de 99 milhons polo impagamento de impostos após a compra de Aerolíneas Argentinas.

Trata-se do primeiro julgamento penal contra o que fora dono de Viajes Marsáns por um delito contra a Fazenda pública. O empresário tem pendente um processo judicial pola suposta apropriação indevida de 4,4 milhons de euros e fraude a quatro milhares de clientes da empresa de viagens.

Recentemente soubo-se que a falência de Marsáns se deveu à transferência de dinheiro das contas da empresa para as arcas patrimoniais de Ferrán e o seu sócio Gonzalo Pascual Arias. Segundo a investigação, os empresários estariam a utilizar a empresa como se da sua própria

conta de poupança se tratasse, utilizando os fundos empresariais para os seus próprios gastos, o que acabou por provocar a insolvência que motivou a falência da sociedade.

Interesses na Galiza

Gerardo Díaz Ferrán, filho de galego e catalá, conta com importantes interesses empresariais na Galiza por meio de diferentes sociedades em que consta como beneficiário ele próprio ou as suas empresas familiares, conforme publicou o Novas da Galiza no seu número 87. Do serviço de autocarros urbanos de Santiago de Compostela à gestom do também compostelano pavilhão Multiusos do Sar, as piscinas de Santa Isabel, a funerária de Sam Láçaro e o mercado e recinto feiral de Ámio. Na cidade de Vigo dispom de 10% do corpo de acionistas da sociedade Pazo de Congresos de Vigo SA, a empresa que administra o novo auditório Mar de Vigo.

Ativistas continuam a lutar contra desalojos

NGZ / A plataforma Stop Despejos Compostela começou nos princípios de fevereiro umha campanha de denúncia contra o iminente desalojo de umha família em Teio, com concentrações diárias na sede central de NovaGalicia Banco na Praça da Galiza da cidade. Segundo recolhe o grupo ativista nas suas comunicações, a entidade nega-se a negociar com a Sandra, umha mulher de 25 anos “com um irmão e a sua mãe ao seu cargo”, à qual reclama a sua casa por nom poder fazer frente às cotas de umha hipoteca que lhe concederam “aos 18 anos, quando nom contava com rendimento algum”.

A plataforma denuncia a atitude do banco, que ademais de nom negociar tem reclamado a atuação da polícia frente às concen-

trações informativas que se realizam para denunciar este “caso de violência económica brutal”.

Moçons de apoio às famílias em risco de desalojo

Seis concelhos galegos -Corunha, Fene, Oleiros, Moaña, Arteixo e Mondonhedo- aprováron nos últimos meses moçons em que solicitam proteção contra as situações em que as execuções hipotecárias estão a deixar famílias inteiras sem habitação própria e endividadas a muito longo prazo. Nom aconteceu o mesmo em Santiago de Compostela, onde o grupo municipal do Partido Popular, governante com maioria absoluta, se recusou a estabelecer sequer um diálogo com a plataforma Stop Despejos, como figéron os outros grupos municipais.

PESSOAL DAS EMPRESAS AUXILIARES DE PINTURAS E SERVIÇOS AFETADO

Alertam sobre despedimentos em massa no naval de Ferrol

NGZ / O pessoal das empresas auxiliares da área de pinturas e serviços que desenvolvem a sua atividade em Navantia Ferrol e Fene denunciou, por meio de um escrito entregue no passado dia 6 de março ao presidente da Junta da Galiza, Núñez Feijóo, a previsom de que se produzam centenas de despedimentos por causa da falta de carga de trabalho.

O protesto deu continuidade à entrega de assinaturas que a última semana de fevereiro realizáron empresas auxiliares de aços, denunciando que em quinze dias irám para o desemprego uns 400 trabalhadores.

Ocupam edifício da Junta e começam marcha reivindicativa

Por outro lado, na passada sexta-feira 9 de Março, por volta de umha centena de delegados sindicais de Navantia Fene-Ferrol e de oito empresas auxiliares vinculadas à área da eletricidade que trabalham no estaleiro rea-



MARCHA REIVINDICATIVA chegou o dia 15 a Compostela

lizaram umha ‘ocupação simbólica’, durante umha hora, do prédio que a Junta tem na cidade, ao mesmo tempo que come-

çáron umha marcha a pé que chega a dia 15 de março a Compostela, para reclamar soluções à falta de trabalho.

CONTINUA A DESCER O ÍNDICE DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Cresce o número de acidentes laborais no setor dos serviços

NGZ / Segundo dados do Relatório de Sinistralidade laboral de 2011, elaborado pola Polícia Judiciária, o número de acidentes laborais no setor Serviços registou no ano passado um incremento de 104,65% a respeito de 2010. Porém, neste documento também se destaca que este tipo de sinistros experimentáron umha descida progressiva desde 2008, quando se produziu a alta mais acentuada com 532 acidentes, até os 369 sinistros que se produziram no ano passado.

Desce a produção industrial

A Galiza registou no mês de janeiro deste ano umha variação interanual negativa do Índice de

Produção Industrial (IPI), que foi de 9,2 por cento, segundo os dados publicados a 7 de março polo Instituto espanhol de Estatística.

Por outro lado, na segunda-feira 5 de Março também se tornavam públicos os dados do indicador PMI, que avalia a atividade económica e que voltam a situar o Estado espanhol em processo de contração económica ou recessom. Dentre os dados que fornecem, desprende-se que a taxa de desemprego juvenil está já em 50%, e nom existem perspectivas de que se reduza, a nom ser que se produza um leve fator de transvase nas empresas entre empregados com antigui-

dade e os denominados júnior, quer dizer, que as empresas comecem a dispensar o pessoal mais caro para recorrer a pessoal mais barato. Porém, e apesar desta ‘oportunidade’ para as companhias, segundo os dados de que se dispom, o desemprego entre a mocidade continuará quadruplicando a taxa registada durante a Transição espanhola, e duplicando a registada nos EUA durante a Grande Depressom. Porém, sendo a taxa estatal muito alta, a maior parte das economias da União Europeia tenhem mais de 18% da sua população ativa mais nova em situação de desemprego.

Feijóo só gasta metade dos fundos do Estado

NGZ / Em paralelo à ladainha da austeridade acaba de conhecer-se que em 2011 a Junta só executou 49,3% dos Fundos de Cooperação Interterritorial provenientes do Estado, provocando a perda de 50 milhons de euros que deveriam ser gastos na Comunidade Autónoma da Galiza. Os cortes nas verbas do Estado que Feijóo tinha denunciado judicialmente colidem com o facto de que o próprio governo da Junta nom chegasse a gastar no ano passado os fun-

dos de que dispunha, que poderiam perder-se nos próximos exercícios se a administração autonómica nom cumpre os seus compromissos.

Os dados, tirados de um relatório elaborado polo Ministério da Fazenda e das Administrações Públicas, revela que a Galiza perdeu investimentos para produtos pesqueiros, apoio às empresas, equipamento para portos, infraestruturas, abastecimento e saneamento de águas, e educação.

Reclamam visibilizaçom para a luta das mulheres

FEMINISTAS GALEGAS SAEM À RUA NO 8 E 11 DE MARÇO

NGZ / Centenas de mulheres manifestáron-se nas ruas da capital galega a 11 de março para comemorar o Dia da Mulher e reivindicar a igualdade. A manifestaçom, que partiu da estaçom de trem, foi o ponto final a umha campanha de agitaçom lilás que começou no passado mês de novembro, quando mulheres de diferentes coletivos galegos se juntáron para preparar umha campanha conjunta sob o nome de Feministas Galegas. O mote escolhido foi “Mulheres galegas em luta polos nossos direitos”, e nos coletivos integrantes encontravam-se a Marcha Mundial das Mulheres, a Rede Feminista Galega, Andaina, Feminismos Compostela, CUT, STEG, SLG, Faraxa, Nós Mesmas, SomosdeGenerando e A Lagoa.

A plataforma coordenou por volta de meia centena de atividades em comarcas do país, como palestras, colóquios, açons de rua, obradoiros e atividades lúdico-festivas como leituras de poemas, contos e arruadas. No comunicado das Feministas Galegas denuncia-se a escalada de precariedade à qual os diferentes poderes estão a submeter as mulheres e afirma-se que “vivemos num mundo patriarcal onde nos foi roubado até o reconhecimento da nossa força transfor-



ATO FINAL DA MANIFESTAÇOM na praça da Quintá

madora”. Em relaçom com isto explicam a “outra origem” do 8 de março, dia escolhido por milhares de trabalhadoras soviéticas para empreender um caminho coletivo na procura de pam para as suas famílias. Aliás, denunciam que essa negaçom do papel das mulheres como “fiadeiras da revoluçom” chega até os nossos dias, como o demonstra a convocatória de mobilizaçoms contra as reformas laborais por parte de CCOO e UGT solapando os atos feministas. Para denunciar este facto, as feministas galegas dérom na livraria Lila de Lilith umha conferência de imprensa em que manifestáron publicamente a sua rejeiçom a estas convocaçoms “de uns sindicatos espanholistas que nom nos representam”. Esta invisibiliza-

çom a que som submetidas as mulheres e o seu trabalho foi também o centro da campanha da Assembleia de Mulheres do Condado, que elaborou um abaixo-assinado a exigir o reconhecimento público a todas as trabalhadoras do Mercado Municipal com o nomeamento do prédio como “Praça 8 de março”.

Para além da manifestaçom nacional, diversas açons decorrerom nas principais cidades e vilas do país no próprio dia 8 de março convocadas por sindicatos, partidos políticos, e o tecido associativo das comarcas. Em Lugo, por exemplo, tivo lugar na Praça da Soidade a leitura teatralizada do conto “A cinzenta que nom queria comer perdizes” por parte de mulheres de diferentes idades e setores sociais.

Junta subvenciona residência religiosa com mais de um milhom de euros

NGZ / A residência ultracatólica Nuestra Señora de Fátima y Cristo Rey, da organizaçom Esclavas de la Virgen Dolorosa, será subvencionada com 1.038.441,60 euros segundo o acordado no passado dia 1 de março no Conselho da Junta. O complexo, que tem como finalidade a atençom de pessoas que padecem doenças psíquicas e grávidas em risco de exclusom, conta com um total de 68 vagas, de maneira que cada umha receberá dos orçamentos públicos umha ajuda direta de 15.271,2 euros. A comunidade de Madrid também concedeu generosas subvençoms às Esclavas de la Virgen Dolorosa em

recentes partidas orçamentárias.

Para além de pessoas idosas e com diversidade funcional, a “obra apostólica” de dita organizaçom centra-se “no serviço de atençom e reabilitaçom de maes solteiras, junto com o cuidado dos seus filhos, oferecendo-lhes a capacitaçom para umha vida de trabalho honrado”. A ajuda concedida enquadra-se numha política de apoio explícito a instituicons ultracatólicas posicionadas abertamente contra o aborto e o direito de decisom das mulheres. Aliás, reflete mais umha vez as prioridades do governo de Feijóo num momento de cortes generalizados.

Detidas da Sala Yago enfrentam cargos por usurpaçom e posse de explosivos

NGZ / No passado dia 20 de fevereiro, as doze pessoas processadas pola okupaçom da Sala Yago acudíron aos tribunais de Compostela para a comparência prévia com o juiz instrutor, José A. Vázquez Taín. A totalidade das processadas acolhêrom-se ao direito de nom declarar até o julgamento, para o qual a Fiscalia, finalmente, efe-

tuou umha petiçom de cargos por usurpaçom e posse de material explosivo. Nos dias posteriores às detençoms, as ativistas denunciaram “manipulaçom policial e mediática”, ao apresentarem os jornais umha fotografia do suposto material explosivo em que se viam extintores de incêndios ou garrafas de lixívia.



INSTALAÇOMS DA STOLT SEA FARM na paróquia de Quilmas, Carnota

Investigam poluiçom nos cultivos anexos à cetária de Carnota

NGZ / O responsável polo estabelecimento que a empresa Stolt Sea Farm tem em Quilmas (Carnota), Pablo García, deverá declarar perante o juiz como imputado por umha suposta poluiçom com metais pesados de uns terrenos próximos dessa unidade de piscicultura. A cooperativa de agricultura ecológica Rainha Lupa, que trabalha nestes terrenos, apresentara umha denúncia

contra a empresa em 2009, a mesma que agora foi reaberta no Julgado de Instruçom número 1 de Muros. O caso voltou a ser investigado após serem apresentadas as conclusoms de um estudo da Universidade da Corunha, no qual se determina que nos terrenos contíguos aos viveiros há contaminaçom por metais pesados e substâncias salinas procedentes de resíduos industriais.

Julgam pai de Diego Vinha por denunciar a sua morte no quartel

NGZ / O caso de Diego Vinha, o jovem de 22 anos morto em estranhas circunstâncias no quartel da Guarda Civil de Arteijo em 22 de setembro de 2004, acabou de entrar numha nova fase. No passado dia 6 de março decorreu no Tribunal do Penal da Corunha um julgamento contra o seu progenitor, acusado de um delito de denúncia falsa, em consequência da qual a Guarda Civil teria detido e encerrado o jovem ilegalmente sem as mínimas garantias de atençom no calabouço em que depois morreria. “Mais contra a impunidade” denuncia que o julgamento visa empregar o pai de

Diego Vinha como “bode expiatório” do caso, que mantém muitas “incógnitas por esclarecer”.

Em 2006, a família de Diego Vinha e a Comissom de Denúncia da Galiza conseguira que o Tribunal de Instruçom nº 5 da Corunha redigisse um auto que concluía denunciando o mal estado das instalaçoms policiais, e que existiam indícios da comissom de um delito de detençom ilegal e denúncia falsa. Familiares e pessoas solidárias concentram-se cada 22 de setembro diante da casa quartel de Arteijo, acumulando numerosas sançoms económicas polos protestos.

Mais de 10 mil pessoas emigráron desde a chegada do PP à Junta

NGZ / Segundo dados do INE (Instituto Nacional de Estatística), entre janeiro e setembro de 2011 fôrom 3.790 os galegos e as galegas que emigráron para o estrangeiro. A Galiza foi, no ano passado, a sexta Comunidade Autónoma do Estado espanhol que mais habitantes perdeu pola

emigraçom para outro país.

Nos primeiros nove meses de 2011 partiu mais gente que em todo o ano de 2010, e o dobro que em 2004. Para além disso, desde a chegada do PP ao Governo, mais de 10.000 pessoas abandonáron o País à procura de umha oportunidade laboral longe da Galiza.

MAR

Confrarias receiam que a Junta as obrigue a privatizar serviços

A Conselharia do Mar endivida milhares de euros às cooperativas de pescadores

A.DIESTE / A 'austeridade' da Junta também chegou ao setor do mar. Nas confrarias há meses que não recebem as tradicionais ajudas que dava a Administração a estas entidades para custearem serviços como a vigilância das suas zonas de trabalho ou as assistências técnicas que elaboram projetos de regeneração e exploração de recursos. Apesar de a Conselharia do Mar ter assinado em 2011 quatro convénios com cada confraria para fornecer essas ajudas, estas ainda não foram pagas. E sem esse dinheiro há algumas que não podem manter os serviços.

O patrom maior da Póvoa do Caraminhal, Manuel Maneiro, foi um dos que mais rotundo se mostrou na hora de criticar a Junta. Maneiro perguntou-se se com estas faltas de pagamento "querem empurrar-nos a fechar". O patrom, secretário-geral de Agamar e um dos rostos de Nunca Mais há uma década, alerta sobre o facto de que sem esse dinheiro "teremos que privatizar serviços", o que acarretará graves prejuízos para o setor.

Os patrons maiores lembram que as confrarias são entidades sem ánimo de lucro e que os contributos económicos da Administração ajudavam a custear projetos de regeneração de zonas e bancos marisqueiros que, apontam, implicavam a possibilidade de mais postos de trabalho. E isso, agora, está no ar.

Confrarias coma a de Vila Joám ou a de Carril tiveram que recorrer a apólices e empréstimos bancários para custear uns

ROSA QUINTANA é conselheira do Mar



serviços que antes se pagavam com as ajudas da Junta e isso obriga-os a estar "presos" das entidades bancárias pelos interesses que geram. A situação é "alarmante", reconhece algum patrom, que suspeita que a Administração esteja a tentar desarticular um setor primário tão importante para a Galiza como o da pesca litoral.

A Conselharia defende que as entidades têm que ser auto-suficientes, mas as cooperativas de pescadores indicam que os milhares de euros endividados pela Administração figuravam em convénios assinados com a Conselharia do Mar "que bem que os vendeu perante os meios de comunicação em conferências de imprensa".

O temor a uma privatização de serviços produz-se, aliás, num quadro em que a descida de preços dos recursos do mar em primeira venda, a entrada massiva de importações, a crise económica e a subida do preço do combustível estão a situar a pesca costeira galega numa das piores épocas dos últimos anos.

AGRO

Permite-se a florestação de solo agrícola em caso de abandono



A Lei do Monte retifica frente às alegações apresentadas

DISTÂNCIAS PREVENTIVAS DOS INCÊNDIOS FICAM NA METADE

J. REI / O monte galego situa-se numa posição destacável nas últimas reformas da Junta. Se em anteriores meses tinha sido a Lei da Caça, com a polémica cessão de direitos cinegéticos do monte aos caçadores, neste passado mês de fevereiro voltou-se a dar atenção ao monte com o anteprojeto da Lei de Montes.

Os malabares jurídicos que esconde o rascunho limpam o caminho às florestações de terrenos agrícolas, rebaixam as exigências para a proteção de incêndios, e arriscam a existência dos cavalos selvagens. Outras medidas foram já descartadas graças as numerosas alegações que se apresentaram, entre elas a que abria a porta à privatização dos montes vizinhos que ganharam uma melhor definição com adjetivos como: indivisíveis, inalienáveis, imprescritíveis e desembargáveis.

No Relatório sobre as alegações ao rascunho do anteprojeto de Lei de Montes da Galiza, com mais de 120 páginas, recolhem-se numerosas alegações de sindicatos agrícolas, associações ecologistas, e associações de montes e outros, que figérom mudar a primeira redação desse esboço.

Um dos pontos mais alegados e

polémicos é o do florestamento de solos agrícolas. Trata-se do artigo 61, que permitia a florestação dos terrenos agrícolas que não formassem parte do banco de terras agrícolas. O artigo 62, aliás, permitia a plantação em solo rústico de especial proteção agropecuária. A mudança introduzida deixa o artigo 61 assim: "Somente os terrenos rústicos de uso agrícola em estado de manifesto abandono e que estiveram adscritos a um banco de terras agrícolas ou instrumento semelhante por um período de pelo menos dois anos, poderão ser florestados prévia comunicação à Administração florestal".

A Galiza conta com uma percentagem de terreno agrícola muito pequeno, para poder sustentar uma produção própria de alimentos. Assim o entendem também os sindicatos, que lembram que a Galiza importa 600 milhões em alimentos e que, pelo contrário, esse setor perde no nosso país cada dia mais empregos.

Os incêndios

A Lei de prevenção de incêndios é sobrescrita em partes importantes pela nova Lei de montes. As distâncias preventivas para o monte com as casas e outro solo urbanizável reduz-se para os 30 metros, passando dos 100 para os

Há pouco terreno agrícola para termos soberania alimentar

50 metros no caso das gasolinhas e outras instalações industriais de risco.

Mantém-se a proibição de mudar o uso do terreno queimado em 30 anos, para evitar a especulação urbanística com os terrenos afetados; porém, reduz-se para 2 anos (antes 3) a proibição de caçar nos terrenos incendiados.

Os animais

A Sociedade Galega de História Natural denunciou que o rascunho põe um grande número de entraves à identificação dos cavalos selvagens e denuncia que, por este caminho, poderá acontecer que desapareça como espécie selvagem. A SGHN argumenta que não há motivo para os cavalos estarem em torno das explorações pecuárias, como pretende o esboço.

Em sentido contrário, a Junta argumenta que está a investir na conservação do cavalo de pura raça, que pretende "casar" interesses dos implicados e aplicar legislação europeia sobre identificação.

NOVAS DA GALIZA

também no facebook

Junta-te a nós para estares ao corrente das novidades do NGZ

bar

faluya

Orzán 75, A Coruña

BARBERIA

O JOURNAL

Praca do Toural - TEIS

a fenda

Compro os seguintes números do periódico

A ROSA TERRA

0 (1977)
1, 10 e 27 (1978)
45, 48, 50, 57, 80 e 81 (1979)
101, 102 e 103 (1980)
164 (1981)

Tel. 655 822 315
tenji67@hotmail.com

ECONOMIA

O governo equatoriano demonstrou que a dívida era ilegítima e declarou um cessamento de 70% dos pagamentos

Dívida odiosa: aquela que os povos nom devem pagar

A.L./ À espera da resolução do novo plano de resgate à Grécia, várias vozes a nível internacional están a expor umha proposta que já se desenvolveu em vários países da América do Sul: as auditorias da dívida externa. Na atual fase capitalista, o crédito e a consequente dívida mantém em pé umha estrutura de dominação que consegue tombar a soberania de diversos estados do mundo, relegando as suas populações a umha condição de quase escravidom. Exemplos disto podem observar-se nas medidas que aprovou o Parlamento grego em fevereiro, no que aconteceu em décadas anteriores com os países que padeceram as políticas de ajuste do FMI ou mesmo nas reformas que está a empreender o Estado espanhol. Nas seguintes linhas apresentam-se alguns factos e reflexos ao redor do conceito da 'dívida odiosa'.

No documentário *Debtocracy*, dos gregos Aris Hatzistefanou e Katerina Kitidi, explica-se o conceito de 'dívida odiosa', definido em 1927 polo russo Alexander Sack e à qual se agarráram, entre outras, as grandes potências económicas para nom pagarem a dívida que mantinham os países que passavam a estar abaixo da sua influência. Dizia Alexander Sack: “Se um poder despótico

CAPA DE DOCUMENTÁRIO sobre o conceito de 'dívida odiosa'



contraí umha dívida nom segundo as necessidades e os interesses do Estado, senom para fortalecer o seu regime despótico, para reprimir a população que o combate, esta dívida é odiosa para toda a população do Estado. Esta dívida nom é obrigatória para a nação: é umha dívida de regime, dívida pessoal do poder que a contraiu; em consequência cai com a queda de dito poder”.

Segundo o relato de *Debtocracy*, em 2002, quando os EUA estão a ultimar a sua próxima ofensiva ao território iraquiano, o gabinete de George Bush planifica que o novo governo provisório, com apoio ianque, nom pague as dívidas contraídas polo regime de Saddam, amparando-se nesse conceito de 'dívida odiosa'. Porém, finalmente chega-se a umha solução 'ad hoc': o Clube de Paris, instância informal que reúne uns 19 países credores, aprova re-

Países do Terceiro Mundo estiveram a financiar o Norte

duzir em 80% a dívida iraquiana. O motivo: que as palavras 'dívida odiosa' nom aparecessem nas páginas dos meios de comunicação evitando-se assim que fosse conhecido por parte da população um conceito que permitiria recapitular o pagamento das dívidas dos Estados se estes proclamassem que a sua dívida é ilegítima.

“Inclusive se a dívida for legítima, nengum governo pode ser obrigado a matar a sua população para pagar os seus credores”, afirma-se em *Debtocracy*, salientando que “a dívida é resultado da luta de classes” e finalizando num alegado a favor de

umha auditoria da dívida grega para estabelecer que parte da dívida deste país forma parte de umha dívida ilegítima e portanto nom deve ser paga. Na fita pom-se como exemplo de auditoria o realizado polo Governo de Rafael Correa no Equador, graças à qual o Estado poupou milhares de milhões de euros.

Olhando para sul

Segundo expom no documentário Hugo Arias, um dos membros da Comissão Nacional de Investigação e Auditoria da Dívida Externa criada polo Equador, o governo equatoriano demonstrou que a dívida era ilegítima e declarou o cessamento de pagamentos de 70% da sua dívida em bónus. Entom, os que tinham os títulos de dívida equatoriana pugérom-nos à venda, com preços mui baixos no mercado. E o Equador apoderou-se dos bónus, gastando 800 milhões em ficar com 3.000 milhões de dívida.

Durante muitas décadas, vários países da América Latina e de África estiveram a financiar o norte desenvolvido através do pagamento de milhares de milhões em conceito de reembolsos, juros e outros produtos ligados à dívida que mantinham com diferentes entidades financeiras. Se há séculos os países do norte desenvolvêrom o seu capitalismo graças à exploração dos recursos naturais do sul, a estratégia do século XX consistiu em endividar o sul

para receber milhões e milhões de dólares nos anos futuros.

Em *Investiguemos a dívida. Manual para realizar auditorias da dívida do Terceiro Mundo*, editado há uns anos por diversos coletivos como ATTAC ou a CADTM, explica-se que “os pagamentos de juros e reembolsos nom cessárom de crescer: de 1985 a 2005, as quantias pagas polo sul, a título de capitais inicialmente tomados em empréstimo, elevárom-se a mais de 5,8 bilhões de dólares, ou seja, o equivalente ao famoso Plano Marshall que os EUA pugérom em andamento após a II Guerra Mundial. No que di aos pagamentos polo serviço da dívida, superárom os 450.000 milhões de dólares em 2004, ou seja, 5,5 vezes a quantidade oficial da ajuda pública ao desenvolvimento”. Neste *Manual* expõem-se diversos casos de países que investigárom as dívidas contraídas por governos autoritários, ou de Estados endividados para pagar a construção de fábricas que nunca chegárom a funcionar.

Voltando ao documentário *Debtocracy*, nesta fita afirma-se que podemos falar de 'dívida odiosa' quando “o Governo recebe um empréstimo sem o conhecimento e a aprovação dos cidadãos, quando o empréstimo é destinado a atividades nom positivas para a população e quando o prestamista está informado desta situação, mas desentende-se”. A atualização destes preceitos poderiam pôr em questom a legitimidade dos Estados europeus, especialmente num momento em que as suas populações estão a ver como a sua vida se aproxima cada vez mais da escravidom. Umha escravidom que os países explorados do mal chamado ‘terceiro mundo’ já conhecêrom.



A



REEDIÇÃO DOS CLÁSSICOS DE
ADUANEIROS
À VENDA NA NOSSA LOJA

FAI-TE COM A TUA CAMISOLA EM:
[HTTP://WWW.NOVASGZ.COM/ADUANEIROS/](http://www.novasgz.com/aduaneiros/)

A TERRA TREME

“Aumenta a presença de mercenários que protegem as explorações e os pesqueiros que usurpam os bancos africanos”

“Está a dar-se um espólio brutal da África”

“A COOPERAÇÃO ESTÁ A SER UTILIZADA COMO PONTA DE LANÇA DOS INTERESSES ECONÓMICOS DO OCIDENTE”

DANIEL R. CAO / Para um entrevistador, às vezes é complicado nom saltar a barreira que divide um questionário de um debate. Isto ocorre facilmente com Eduardo Romero, investigador militante sobre o colonialismo ocidental em África, que visitou o nosso país em fevereiro para lançar o seu ultimo livro ‘Quién invade a quién?’ (Quem invade quem?).

As práticas coloniais atravessaram três fases, umha em que se manifestárom in situ, umha segunda em que as elites africanas assumírom as competências que antes possuía a metrópole e umha fase atual em que a carreira energética está impulsionando umha remilitarização. Achas que realmente se pode falar de umha mudança de modelo? Coincido com a tua análise, mas quero fazer algum matiz. Os exércitos ocidentais nunca se fôrom embora definitivamente de África, ainda depois das independências. O certo é que, de facto, liderados polos EUA, nos últimos dez anos está-se a produzir esse regresso de tropas. Isto tem que ver com as luitas competitivas entre os diversos polos do capitalismo, nomeadamente com a China. A geopolítica do petróleo em África fai com que das costas da Guiné até Somália exista um contínuo de interesses americanos, e com eles a chegada a acordos de cooperação militar. De facto, os EUA constituírom o Africom, um corpo militar específico para esse continente, cujas bases ficam em Colónia e Rota, dado que nengum país africano, de momento, aceitou a instalação no seu território.

O pretexto utilizado para penetrar em África é o controlo da imigração e do terrorismo. Este trabalho realizam-no as tropas regulares ou existe colaboração

“Potências estão a comprar milhões de hectares férteis”

“As elites africanas aprovam a presença de tropas ocidentais”

com os exércitos autóctones?

Nom, longe disso. Cada vez é maior a presença de mercenários que protegem as explorações ou, de modo crescente, os barcos pesqueiros que usurpam os bancos africanos. De todos os modos a colaboração entre exércitos é estreita e as elites africanas consentem isto, permitindo também que as suas tropas sejam treinadas pelas ocidentais. Um caso bastante paradigmático é o da Nigéria, em que os acordos de ajuda ao desenvolvimento se temem materializado no controlo por parte dos EEUU de todas as forças de segurança. Um destes acordos consistia na recuperação dos portos nigerianos e todos os fundos fôrom destinados à contratação de guardas armados e câmaras de videovigilância.

E as políticas extensivas de controlo da migração, como se levam a cabo?

Neste terreno é que estão completamente implicados os exércitos locais, existindo centros de detenção e reclusão ilegais por todo o continente. Dous casos som os da Mauritânia, em que o Estado espanhol financia um destes centros, e o da Líbia. Na Líbia havia milhares de refugiados reclusos que eram devolvidos aos seus países de origem. O mais desumano deste acordo, que assinaram Gaddafi e o governo italiano, é que, ademais de armamento, a Itália fornecia a estes centros bolsas pa-



“Penso que o seguinte objetivo vam ser os aquíferos”

ra cadáveres. Quanto ao caso da Mauritânia, na capital Nouadhibou existe, financiado por Espanha, umha antiga escola reconvertida em cárcere onde as antigas salas de aulas som agora celas. Neste centro existem autocarros que, conforme se vam enchendo, saem para a fronteira senegalesa para deportar os detidos.

E qual é a moeda de troca para todo isto, a cooperação para o desenvolvimento? Ou isto só é empregado para disfarçar outros investimentos?

A cooperação para o desenvolvimento funciona para muitas coisas. Dizer que é moeda de troca é

insuficiente. Por exemplo, o Senegal nom assinou os acordos de ‘Nova Geração’, como os denominou o Governo espanhol, que consistiam na troca de fundos por acordos de repatriação. E este é o problema, que a cooperação nom está a servir para melhorar as condições de vida, nem sequer como moeda de troca, senom diretamente como ponta de lança dos interesses económicos dos governos que a oferecem. Já sei que é umha obviedade, mas nom som casualidades que nos anos 90, durante a segunda colonização na América Latina, este continente fosse o principal destinatário de ajudas, e que agora seja África. É mui interessante comparar os relatórios dos organismos de cooperação do governo espanhol com os dos seus gabinetes comerciais, por exemplo, em Dakar. Quando os primeiros diziam que para solucionar o problema

da fome era preciso revitalizar a pesca, os segundos levavam a cabo operações de compra ou constituição de empresas mistas.

Recentemente falava-se neste mesmo jornal do emergir de um novo interesse, que a usurpação em África nom consistia só na energia, senom que se ençetava umha nova fase em que esta ia mais ligada à questão alimentar. Novamente, há umha mudança de fase?

Poderia dar-che a razão, mas nom se pode esquecer que as exportações de petróleo e gás da UE em África ascendem a 25%, ou seja que som mui relevantes. Mas efetivamente há um fenómeno em alta progressiva, estão-se a comprar milhões e milhões de hectares férteis. Ademais da brutalidade que significa este espólio, perante um cenário de possíveis problemas de alimentação a nível global é um facto ainda mais escandaloso. Pode ser que na lógica do império entre a exploração dos poços petrolíferos de países que nom fam uso deles, mas roubar a comida, destruindo ecossistemas, etc. É incompreensível. Penso que o seguinte objetivo vam ser os aquíferos africanos. Ainda que tenhamos induzida a dupla imagem de África como deserto ou como selva, o certo é que esta está cheia de rios caudalosos e grandes lagos. Todo isto vai entrar em disputa nos próximos anos.

E que papel jogam os acordos pesqueiros?

O Estado espanhol joga um papel fundamental. Para fazer umha ideia do que implicam os acordos, pode dizer que na Namíbia existem quotas em que determinadas espécies estão reservadas em 90% para a frota espanhola. Outro dado, dous terços dos barcos que fainam em África som europeus. Isto vai das costas do Saara até a Somália. A espoliação é total.



MUITO MAIS QUE LEITORES!

COLABORA ACTIVAMENTE COM O NOVAS DA GALIZA

Subscreve ao Novas da Galiza o teu centro de trabalho, biblioteca, bar, associação cultural... e leva como presente um lote de material por valor de duas subscrições (48 euros)

ALÉM MINHO

“Através dos cortes no gasto público opera-se a transferência de rendimentos do trabalho para o capital, agravando as desigualdades”

MIGUEL PORTAS É EURODEPUTADO POLO BLOCO DE ESQUERDA (BE) E COFUNDADOR DESTA ORGANIZAÇÃO

“A austeridade é o problema, nom a soluçom”

E. MARAGOTO / Miguel Portas é eurodeputado polo Bloco de Esquerda (BE), do qual foi cofundador em 1999. Até as últimas eleições, em que reduziu pola metade a sua representação, a progressom do BE fora espetacular, chegando a ultrapassar o sempre potente Partido Comunista Português (PCP). Agora, em plena situação de emergência nacional e com só 8 assentos numha Assembleia da República com maioria absoluta da direita, lidera a voz dos que acham que está na hora de acometer umha profunda renovaçom no partido, que se deveria 'adaptar aos novos tempos' afastando da direção os dirigentes fundadores, ele incluído, e redefinindo a política de alianças.

Tornou-se famoso na Europa quando quijo cortar nas despesas dos eurodeputados. Há algo de verdade na necessidade da austeridade em tempos de crise? A austeridade é o problema, nom a soluçom. A única vantagem que traz é a da diminuiçom das importações, porque se comprime o consumo das famílias, e em consequência a balança de transações correntes melhora. Mas este lado nom compensa, longe disso, os aspetos negativos que a austeridade impom à economia. Nom se trata apenas de mais recessom e mais desemprego, a par de cor-



tes nas despesas sociais e no investimento. A austeridade é a máquina através da qual se opera a transferência de rendimentos do trabalho para o capital, agravando as desigualdades sociais.

Um hipotético governo do BE, só ou em coligaçom com o PCP, seria compatível com a permanência de Portugal na UE?
Estamos muito longe de um governo do BE. Também umha soluçom apenas com o PCP é estreita. A

transformaçom de umha maioria social anti-austeridade numha maioria política polo emprego implica, no mínimo, que a luta social tenha tido força para separar o PS ou parte dele, da política que assinou com a *troika*. Mas, em termos genéricos, a sua pergunta tem resposta: sim, é possível aplicar umha política de esquerda mantendo o país na UE. Depende, contodo, do apoio popular e da construção de alianças na UE para alterações de substância na política monetária.

.....
“Medo e indignaçom coexistem na cabeça de cada português”
.....

Os protestos na Grécia tenhem gerado violência nas ruas. Portugal caminha para o segundo resgate, mas a situação nas ruas, apesar do êxito de certas mobilizações, está longe de parecer-se com a grega... Resignaçom?
Nom se trata de resignaçom. Na sociedade portuguesa, medo e indignaçom coexistem na cabeça de cada um, em doses variáveis. Estou convencido de que a vontade de justiça irá superar o medo e que, em consequência, a disponibilidade para a luta aumente. Mesmo na Grécia, de onde desapareceu o medo, nom há só capacidade de revolta. Há também umha imensa desilusom e descrença com o sistema político e com aqueles que teriam a obrigaçom de encontrar as respostas.

Passos Coelho ganhou amplamente e o BE perdeu metade dos deputados das anteriores legislativas. Qual é a “adaptaçom aos novos tempos” de que precisa o Bloco de Esquerda?
Quando se luta nem sempre se ganha e nem sempre se acerta. Foi o caso. É deste reconhecimento que partimos. Iguais nas convicções, mas com humildade e vontade uni-

tária na construção das convergências sociais e políticas que desenvolvam a esperança às pessoas.

A crise atingiu o BNG e outros partidos da esquerda europeia... A soluçom será parecida?
Na Europa, as forças de esquerda estão marcadas pelo selo de umha derrota histórica e pola vitória provisória das políticas neoliberais. Procuram reencontrar-se com os seus povos para darem expressom política às suas expectativas. Acertando e errando. Nom opino em público sobre as escolhas de partidos amigos, mas dou imensa importância às suas experiências.

Com um irmão dirigente do PP [Paulo Portas é ministro com Passos Coelho], é difícil acreditar que o confronto partidário seja mais umha manifestaçom da luta de classes... Afinal, será verdade que existe umha classe política?
Ocasionalmente, trocamos impressons. Ambos fazemos 'política a tempo inteiro' e desse ponto de vista, pertencemos ao que se convencionou chamar de 'classe política'. A diferença? Pensamos de modo diferente, já se vê.

No Parlamento Europeu, o BNG usa o português para, de facto, usar o galego... Isto desperta simpatia nos partidos portugueses?
No BE, desperta seguramente. Nos outros... vou perguntar e depois digo-vos.

POVOS

Oxalá poda nascer um novo país em que ser de esquerda nom seja sinónimo de antipatriota

Desafios e características da nova Letónia

JOSÉ ANTON ‘MUROS’ / Um dos principais problemas da sociedade letá está na difícil integração de umha parte do seu próprio povo, a população de origem russa-eslava. Este drama é herdeiro da imigração de trabalhadores a este território na época do imperialismo russo-soviético, altura em que foi estimulada a chegada de centenas de milhares de pessoas a este território independizado nos anos 90 do século passado. Um novo episódio deste drama aconteceu no mês de fevereiro em forma de um referendo em que se pedia a cooficialidade do russo e do

letom. Com todo o respeito polos falantes de russo, tratou-se de umha provocação, basicamente por dois motivos: o primeiro, por soar a neoimperialismo russo num território vítima secular do mesmo; o segundo, que a assunção do russo como língua oficial dificultaria a integração real na sua nova pátria de centenas de milhares de novos letons, provocando, de passagem, a descomposição da nação.

De todas as maneiras, a sua reação acarretou que houvesse que enfrentar vários problemas reais: a terrível rigidez e conservadorismo fundacional do Estado.

Para qualquer cidadão criado na diáspora ocidental chama a atenção o constante desprezo polos valores democráticos e pelas minorias e grupos de população (LGTB, liberais, ciganos, esquerdistas, grupos religiosos...).

O resultado foi o esperado e a população de fala russa com direito a voto votou a favor, mas o problema vai além da questão linguística: à parte das exclusões sociais e económicas, há outra discriminação, política, que se manifesta de formas diversas. Por um lado, a ideológica, que se mostra através da beligerância do Estado

com todo aquilo que cheirar a esquerda e direitos humanos, que identifica com esta comunidade povoacional e os seus ativistas. Por outro, um terço da mesma (12,5% da população global) nom tem reconhecida a cidadania letá. Esta população, que abrange em muitos casos até quatro gerações no País, tem o dever de pagar impostos e cumprir com a legislação letá, mas nom pode votar nem escolher os seus representantes. Tal barbaridade tem o seu cerne nos princípios fundacionais do Estado, conservando-se basicamente por motivos racistas e ideológicos, já

que nom se trata de umha medida necessária nem reparadora. Em definitivo, o Estado nom dá facilidades para a naturalização deste coletivo para nom aumentar a base social da esquerda.

Oxalá que o tempo, as lutas setoriais e a mistura diluam estas fendas para facilitar o nascimento de umha nova Letónia em que ser de esquerda nom seja sinónimo de antipatriota. Umha nova Letónia que aceite a pluralidade e os seus novos cidadãos de forma natural. Que rode sobre eixos de esquerda, mas especificamente letá. E em letom, evidentemente.

PALESTRA

Num momento de crise em que a UE se erige em comisária das políticas económicas dos Estados surgem olhares contrapostos sobre o seu papel

Frente ao tsunami do capitalismo neoliberal

Camilo Nogueira

A história da UE é, em grande medida, a das crises derivadas da vertigem que padecem os Estados ante o avanço da soberania partilhada que eles mesmos propugnaram. Assim ocorreu com a aplicação da União Económica e Monetária (UEM). O facto de os Estados estabelecerem o euro adiando sem data a criação dum Governo Económico está na origem dos transtornos deste momento.

A extensão a Europa da crise económica-financeira que estalou nos EUA encontrou uma Eurozona carente da autoridade necessária para ordenar a execução pontual dos objetivos monetários da UEM: défice anual de 3% e dívida acumulada de 60%, sempre a respeito do PIB, e índice de inflação de 2%. Não havendo quem o assegurara, os objetivos foram desrespeitados. No concernente à dívida acumulada o problema não só afetou países que foram objeto de resgate, como Grécia, Irlanda e Portugal, senão que tocou também os três maiores Estados do euro, 114% em Itália, 83% na Alemanha e 82% em França.

A ausência de Governo Económico explica a presente instabilidade política da União Europeia. Superados os limites de défice definidos nos Tratados, as políticas da UE para superar a crise desleixaram o impulso da economia real e o combate contra um desemprego que, crescente, atinge sobretudo a gente nova.

Sem essa instituição, a pretensão obsessiva de solucionar a dívida dos Estados com políticas fundamentadas em cortes orçamentais, disfarçados de austeridade, abriu a porta ao tsunami do capitalismo ultraliberal. Os poderes neoliberais e do fundamentalismo de mercado aproveitaram a ocasião para condicionarem as políticas estatais e pôr em causa os serviços públicos universais, criando um clima destinado a dar a volta a elementos básicos do sistema democrático. Um facto que tem uma transcendência global: não se pode esquecer que sendo a UE a primeira potência e o centro e da economia mundial, constitui um dos raros lugares no

A ausência de Governo Económico explica a instabilidade política da UE

mundo onde a luta das classes trabalhadoras obrigou o sistema capitalista a atuar a generalização das instituições que definem o estado do bem-estar.

No Estado espanhol a crise evidenciou as falcaturadas cometidas durante anos. Amparando-se na facilidade dada por um euro tomado a baixíssimas taxas de juro, primeiro o PP e depois o PSOE propiciaram um crescimento especulativo da construção, financiado basicamente com dívida tomada no estrangeiro pela banca, as imobiliárias, as empresas construtoras e indiretamente as famílias; numa política que coincidiu com o esbanjamento do dinheiro público, procedente da UE em boa medida, em obras suntuárias ou desnecessárias, enquanto se gabavam de estar a criar mais postos de trabalho que em toda a União ou de ter uma economia mais dinâmica que a alemã, desconsiderando que esse caminho conduzia ao desastre.

Desta maneira, por causas principalmente internas e duplicando a média da UE, o desemprego atingiu 22% dos ocupados. A tarefa de criação de novos empregos requererá esforços que durarão anos. Não o fará o Governo do PP nem o arranjo passará pela sua cruel política, que fere direitos sociais fundamentais e une a ânsia chauvinista de recentralização em Madrid com medidas agressivas contra os serviços públicos que governam as autonomias.

Apesar de todo, nada está decidido. Ante a deriva reacionária está a crescer a consciência popular e democrática contra o roubo do presente e do futuro. Assim passa em toda a UE, onde as tornas podem mudar em Estados tão decisivos como a França, Alemanha e Itália. E também na Galiza.

O assédio continua: nova vaga de resgates

Júlio Teixeira

No assédio de Alésia, as tropas romanas construíram duas linhas concêntricas de trincheiras, fortificações e armadilhas arredor do oppidum gaulês. Umha para manter o sítio, impedindo o fornecimento; e outra, como defesa, contra um possível auxílio do resto da Gália a Vercingetórix. A situação actual da UE pode ser bem descrita comparando-a com esta estratégia dos romanos, contra os gauleses, em Alésia. Neste caso há, também, umhas populações que habitam, como se fosse um outeiro cercado, a perturbação que a crise gera na velha orografia do capitalismo europeu. Os sucessivos pacotes de resgate formam a primeira linha fortificada, a de circunvalação, com a que a UE cercou os gregos, portugueses e irlandeses. O objecto dessa primeira linha, construída com perto de 500 mil milhões de euros, é manter o sítio sobre os três povos para empobrecer-los e despoja-los de bens e direitos até rendê-los inteiramente à sua disciplina. O alívio da dívida grega, e mais a nova vaga de resgates que se prepara, deixaram mui pequena a cifra do meio bilhom de euros investidos até agora.

Mas, como em Alésia, há umha segunda linha fortificada –a de contravalção– que, ao nom ser possível abranger totalmente o perímetro das economias mais quantiosas, tem como finalidade isola las do outeiro sitiado. Para pôr em pé esta segunda tranqueira, a UE precisou, polo momento, dum bilhom de euros injectados aos bancos (para equilibrar os balanços bancários e financiar os estados deficitários) e os mais de 200 mil milhões de euros dissipados em aliviar a pressom, do mercado secundário, sobre a dívida soberana. Em fim, o mesmo que César procurava satisfazer as suas ambições políticas submetendo toda a Gália, as autoridades comunitárias perseguem os seus interesses políticos com o submetimento de toda a Europa e nom apenas das populações assediadas

A Grécia ou Portugal ficarão no euro o tempo que as potências julgarem preciso

na Grécia, Irlanda e Portugal.

Estamos no princípio dum processo que pode demorar –ainda que nom necessariamente décadas, ainda que nom necessariamente. Um processo condicionado por um confronto cada vez mais violento, entre gestom do declínio da sociedade da mercadoria, e a resistência das populações danificadas polos estragos desse declínio. Sobre esse pano de fundo deve ser interpretado todo quanto de aqui em diante acontecer: políticas anti sociais, neo-chauvinismo, represom contra a crescente contestação, etc. Essa é também a chave para compreender toda a problemática do euro. A Grécia ou Portugal ficarão na Uniom Monetária o tempo que as potências centrais da UE julgarem necessário. Enquanto convinher continuar fortificando os dous cercos à base de milhões de euros, a situação de assédio –em todos os sentidos– vai continuar. E no momento no que nom for possível, um estratégia esperável seria a configurada, por umha parte, polas mudanças necessárias para transformar o assédio numha Europa de duas velocidades na que encaixar os restos dos resgatados. E, por outra, polo debate sobre a necessidade dumha política fiscal e monetária comum para a Uniom Monetária, como motor da primeira velocidade. Por um lado, nesse cenário, serão inevitáveis as tensões entre Uniom Monetária, os estados ex-euro, e mais aqueles países que preferem ficar fora do euro para manipular as taxas de câmbio. E, por outro lado, podemos assistir à tentativa de revitalizar o exánime debate político institucional polarizando-o entre partidários e detractores dos eurobonds.



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

Nome e Apellidos Tel.

Endereço C.P.

Localidade E.mail

☐ N°Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

☐ Subscrição + livro = 35 €

☐ Subscrição anual = 24 €

☐ Subscrição + pack bilharda = 30 €

☐ Subscrição + duplo pack bilharda = 35 €

Assinante Colaborador/a = €

DITO E FEITO

“Nos cursos que fazemos juntas o avó e a neta, nom há um perfil determinado”

“Som as pessoas que se interessam pola cestaria as que a tornam viva”

ENTREVISTA COLETIVA À ASSOCIAÇÃO DE CESTARIA GALEGA (ACEGA) NA SUA SEDE DA CIDADE DE LUGO

O. R. / A Casa das Cores de Lugo é o lugar escolhido para a reunião mensal da Associação de Cestaria Galega, onde nos recebem as suas sócias e sócios para chegar-nos ao microcosmo desta arte. Antes de começar, o estado das plantações dalguns sócios –de onde se tirará o vimio para fazer cestas– centra a conversa. É aí que começa todo o processo de elaboração dos produtos cesteiros; um processo lento e laborioso que nom é reconhecido por umha socie-

dade viciada do plástico e por umhas instituições que preferem investir o orçamento em mariscadas e mausoléus. Apesar de todo, nom trocariam a sua profissão por nengumha outra, conscientes de que dam alento a umha arte que estivo omnipresente no dia a dia da Galiza tradicional. Com muitos anos de investigação e prática às suas costas, a gente da ACEGA achega-nos às técnicas e materiais da cestaria, aos seus usos e à sua valorização na sociedade atual.

Há dous anos um grupo de pessoas relacionadas com os cursos de cestaria do Centro de Artesania de Lugo começades a vos juntar e, há agora justo um ano, apresentades a ACEGA. Que importância tivo para vós a experiência que vivestes no Centro e qual é a sua situação atual?

Com efeito, o Centro de Artesania de Lugo foi o ponto de encontro de todos e todas nós: umha parte como professorado e outra como alunado, mas todo o mundo interessado pola cestaria passou por ali. Ofereciam-se muitíssimos cursos onde se mostravam as diferentes técnicas da cestaria, e mesmo vinha a gente mais representativa da cestaria de fora da Galiza dá-los. Enquanto estivo Carlos Fontales ao cargo dos cursos, o Centro de Artesania de Lugo foi um dos mais ambiciosos e dinâmicos da Europa. Depois ele foi afastado do cargo por motivos políticos e na atualidade está totalmente parado, nem sequer sabemos se se vai ofertar algum curso de iniciação ou nom. A escusa que ponhem as administrações por este abandono é a de sempre, que nom há dinheiro, mas para outras cousas nom falta. O que parece é que nom existe um interesse real por promover este tipo de atividades.

E que atividades realizastes neste primeiro ano de andamento?

Por agora nom começamos a dar cursos, mas assistimos a numerosas feiras para mostrar os nossos produtos. Estivemos em Friol, em Narón, em Lugo, em Riba d’Eu,



em Oso, e, a mais internacional, a de Sants, em Girona, umha feira a que acorrem cesteiros de todo o mundo. A nível mais individual estamos também recolhendo dados etnográficos entre a gente mais velha, que praticou desde sempre a cestaria, para que nom se perdam as técnicas nem os materiais que empregam. O nosso objectivo é dar a conhecer a cestaria e revalorizá-la entre a sociedade, para que se decate de todo o trabalho que há detrás de cada peça e de que formam parte da nossa história.

Vejo que a associação é heterogénea, e com muita presença feminina... Nom existe um perfil de pessoa interessada pola cestaria?

Nom, em absoluto. Somos do mais variado que podas imaginar: há gente de Vigo, de Burela, de Cerzeda, do País Basco, das

Astúrias... Umhas som mais de cidade e outras estão mais ligadas ao rural, e há gente de todas as idades, porque pola cestaria interessa-se quem a praticou sempre e também quem o vê como algo exótico. Assim é que nos cursos juntamos o avó que quer aprender algumha técnica nova e a neta que estudou desenho. Na realidade, o do cesteiro ou cesteira nunca foi um perfil homogéneo, porque era umha prática entendidíssima, e dependendo das técnicas eram as mulheres quem elaboravam as peças.

Que funções tinham as peças de cestaria na Galiza tradicional e qual credes que têm hoje?

Na Galiza tradicional empregavam-se cestos para absolutamente todas as tarefas relacionadas com o agro ou com o mar. Ademais, a técnica da cestaria estava

.....
“Nom há interesse real por promover este tipo de atividades”
.....

presente por todas partes: nas paredes e telhados das moradas, nos cercados das leiras, nos estrugos, nas varas que se usavam para abanear os colchons de lá, nas coroças, nas jaras,... Em todas partes! A situação hoje é bem distinta, basicamente porque a sociedade mudou, umha parte mui grande já nom se dedica a essas tarefas e aparecem outros materiais. Às cestas, cada quem da-lhe a função que quer, mas normalmente hoje têm um sentido mais ornamental do que antigamente.

Existem diferenças entre as técnicas galegas de cestaria e as do resto do mundo?

A verdade é que quanto mais investigamos sobre o tema mais nos decatamos de que existem técnicas universais para trabalhar estes produtos, que vam desde África até o Panamá, passando, claro, pola Galiza. Seria interessante estudar este substrato comum desde a Pré-história, mas, ao contrário da cerâmica, nom se conservam restos porque os materiais se degradam. Há diferenças por exemplo nos materiais: no Sul da Península usam o esparto e na Catalunha a cana porque é o que têm. Aqui havia umha tradição cesteira mui rica, e cada zona empregava o

que tinha de mao; por exemplo, no Caurel usava-se a aveleira. Umha diferença importante da situação galega a respeito do resto é que aqui a cestaria continua viva, porque há umha geração que agora tem 80 anos que a praticou no seu dia a dia, e poucos países contam já com isso.

Credes que a sociedade valoriza a vossa profissão o que deveria?

A verdade é que a gente nom costuma dar-lhe o valor que tem. Como nos dim as vizinhas: “fás cestos, pobre”. Tem sentido, porque antes era um trabalho de pobres, ainda que agora há umha geração que já o vê como algo mais artístico. Ademais, nom se vê o trabalho que há detrás de cada peça. Ainda assim, pensamos que a cestaria tem muito futuro: se nom desapareceu em dous mil anos nom o vai desaparecer agora.

Existe algumha instituição que investigue com rigor as técnicas de cestaria ou é um trabalho voluntarista?

Absolutamente voluntarista. O único estudo que há é um que fijo o Museu do Povo, mas nom aprofunda nada. Nom há mais que ver a secção que têm de cestaria, cativa e sem nengumha explicação. Som as escolas de cestaria e as pessoas que se interessam por ela as que fam que isto nom morresse já. Há por exemplo umha escola de cestaria em Santa Mariña, em Alhariz, que tem a melhor coleção de cestaria galego-portuguesa, mas às grandes instituições nom parecem interessadas.



O IMPERIALISMO JÁ NOM É INVENCÍVEL

Leia e subscreva-se a:

RESUMEN
Internacional

Um projecto comunicacional com 15 anos de existência que serve para enfrentar o discurso dos poderosos

Correio: resumenlat@yahoo.com.ar
Telefone: 630262156

O Estado espanhol impom umha sangria económica os independentistas

Neste país, dar a cara sae caro

CEIVAS

Colabora contra a repressão económica
2091 0395 21 3040001337

GREVE GERALNOVAS DA GALIZA entrevista seis agentes que participaram
ativamente no desenvolvimento da jornada de luta**“Devemos converter as luitas de cada centro de trabalho numha luta global contra o inimigo”****SUSO SEIXO É SECRETÁRIO GERAL DA CONFEDERAÇÃO INTERSINDICAL GALEGA**

Tendo em conta que é mui difícil impedir que o PP retire a reforma, quais som os objectivos reais desta convocatória?

É a melhor maneira de manifestar a rejeição da classe trabalhadora a um corte de direitos brutal. Há que pressionar os governos para que fagham outro tipo de políticas. Há que passar à ofensiva para exigir mudanças e consciencializar a gente de que neste quadro económico nom temos saída. Promover políticas no caminho de um modelo social mais justo.

Pode-se dizer que a CIG serviu de revulsivo para acelerar a resposta unitária contra a ofensiva do governo? Que se pode esperar do sindicalismo espanhol?

A CIG marcou a dinâmica ao sermos os primeiros a apostar numha nova greve geral na Galiza. O perfil da reforma era patente e os orça-

mentos do Estado vam trazer políticas mui duras de cortes nas despesas públicas e novas medidas prejudiciais para a classe trabalhadora. Exigia dar um passo para a frente. A convocatória poderá servir de revulsivo diante da apatia.

A respeito do sindicalismo espanhol, por parte da CIG oferecemos dinâmicas mui distintas sobre como afrontar este momento histórico. Eles som pola negociação e a conciliação, eludindo a carga ideológica anti-social das reformas. Os seus pactos provocam que todo o sacrifício vá só para umha parte, que é a classe trabalhadora. Se querem unidade de ação, vam ter que mudar de conduta perante a crise. Há que fazer umha frente real para combater a reforma empresa a empresa, convénio a convénio. Fazermos um sindicalismo diferente e ir de frente. Se estiverem dispostos, poderemos concordar.



.....
“Assistimos à luta de classes em estado puro polas suas medidas”

A reforma dificulta a capacidade de resposta sindical, e o direito à greve está a ser já questionado.

Com que recursos vai ficar o sindicalismo?

Assistimos à luta de classes em estado puro. As medidas que estão a adotar venhem para ficar no tempo. À parte de transferirem recursos públicos e da classe obreira para o capital, tentam debilitar os trabalhadores para dificultar a sua resposta. As dificul-

dades que ham de vir, há que combatê-las criando organização nos locais de trabalho e mantendo as centrais sindicais como elementos vivos dentro da empresa, onde a gente participe e poida sentir-se solidária para coletivizar esta luta tam dura contra a patronal e o capital. Pretendem é individualizá-la porque por essa via tenhem muito que ganhar. A nossa função é fazer o contrário: converter cada luta em cada centro de trabalho numha luta global dos trabalhadores contra o inimigo. Dar coesom e solidariedade, que é o que vai permitir ganhar as luitas. Depois, teremos que procurar todos os métodos que sejam adequados para conseguir os nossos fins e divulgar as nossas alternativas. Mas se nom conseguirmos criar e organização em cada empresa, vai ser complicado. / C.B.G.

DANIEL COSTAS, SECRETÁRIO DE AÇÃO SINDICAL DE CC00**“Se a gente sai em massa o governo vai negociar”**

Quais as expectativas para o 29-S?

A greve é consequência das medidas unilaterais do governo, que som umha imposição sem precedentes no ordenamento laboral e nos levam trinta anos atrás. É umha perda de todos os direitos conquistados, ao tempo que umha racha de como veu desenvolvendo-se o diálogo social, que até agora funcionou com responsabilidade por parte dos trabalhadores e trabalhadoras. Temos formulado alternativas de cara a introduzir elementos de mudança nas relações laborais que estamos dispostos a negociar. Mas vemos que essa nom é a intenção, racha-se com umha tradição de negociação. Devemos dar umha resposta os trabalhadores e trabalhadoras, e a cidadania em quanto que é quem desfruta de umha série de direitos sociais que agora se curtam. Visamos explicar isto à sociedade e chama-la a se manifestar pacificamente para manifestar o nosso rotundo rechaço a essas medidas.

Existe projeção para logo da greve?

Logo disso, gerir esses protestos na linha do que vimos demandando. O que nom imos é adiantar-nos a

nengumha situação, terám que dizê-lo os acontecimentos. Expressamos a nossa predisposição a negociar, e se a população sae massivamente esse dia 29, o governo de Rajoy devera, se é democrático e atende ao direito de opinião, expressom e manifestação da cidadania, sentar a negociar.

Pode-se ler na convocatória coincidente com as greves em Galiza e Euskal Herria umha vontade de unidade de ação?

Nom convocamos porque tenham convocado as centrais nacionalistas. Temos umha estratégia de largo, que vimos expondo e expressando, e que agora dá numha resposta como esta. Há umha coincidência nessa data, pero a expressom de unidade ou nom unidade verá-se nas explicações que deamos dumha banda Comissions Obreiras e UGT, e as que deam outras organizações. Nom entramos na discussão, porque entendemos que a agressom à cidadania é muito mais importante que as desavinças entre quem representamos o mundo do trabalho. / X.R.S.

“O sindicalismo deve recuperar o seu papel como protagonista”**RICARDO CASTRO É SECRETÁRIO GERAL DA CUT**

Qual seria um bom resultado?

A própria convocação já é umha boa notícia, é o primeiro passo. Ora bem, um bom resultado para esta greve seria que fosse o primeiro passo de umha mobilização permanente até pôr em xeque o sistema. O problema nom está na reforma laboral em si mesma; o problema é o próprio modelo produtivo, que tem piorado as nossas condições últimos trinta anos. O nosso objetivo prioritário é transmitir umha mensagem de otimismo à classe trabalhadora galega, que é a maioria e temos nas nossas mãos vencer nesta luta. Romper com o medo e o estado de choque ao qual nos submetêrom, recuperar a linguagem e a consciência de classe.

Como parte da minoria sindical, como pensas que pode a CUT ajudar a articular as sensibilidades que ficam fora dos grandes sindicatos?



Somos umha minoria sindical quantitativamente, mas nom qualitativamente. Nós defendemos valores universais como a igualdade, a solidariedade, a fraternidade, a liberdade... Defendemos o sindicalismo clássico enquanto ferramenta de defesa da classe trabalhadora... Se os movimentos sociais, os indignados... a classe trabalhadora em geral nom coincidir com estes valores entom anda um pouco desorientada. O que nom podemos é cair na retórica do sistema, na sua linguagem prostituída quando fala do sindicalismo. Os novos movimentos sociais devem fazer análises

objetivas e históricas de onde está cada quem e fixar-se. Nós podemos, portanto, transmitir essa herança, esses conteúdos.

Que caminhos que deve tomar a luta operária?

A luta operária só pode optar por um caminho, que nom é outro que recuperar os valores de que falávamos antes. É o momento da generosidade sindical, de acumular forças e de deixar o sectarismo na gaveta. Quem antepuser siglas, egos e outras nescesidades à acumulação de forças é um irresponsável. O sindicalismo deve recuperar o seu papel protagonista entre a classe trabalhadora e para isso há que renunciar a comer na casa do patron, porque algum dia se calhar vês-te obrigado a deitar-lhe a porta abaixo e nom serás capaz por seres um estômago agradecido. Devemos recuperar as assembleias nos centros de trabalho como ferramenta. / C.C.V.

“A greve deveria ser indefinida”

■ RITA GIRALDEZ É SECRETARIA GERAL DA CNT NA GALIZA

Porque adere a CNT a convocatória de greve geral?

Sobram os motivos para convocar a greve. A reforma laboral de fevereiro é o mais duro ataque aos direitos das trabalhadoras nos últimos 30 anos. É o melhor instrumento de resposta que tem a classe trabalhadora frente os ataques do capital.



Como concebedes a mobilizaçom?

A greve deveria ser indefinida até se conseguirem todas as legítimas reivindicaçoms da classe trabalhadora. De feito, se se marcaram uns objetivos na convocatória, deveria ser para nom voltar ao posto de trabalho até consegui-los. A CNT mantém greves indefinidas em diversas empresas em vários lugares do Estado, mas umha greve geral indefinida é inviável.

Que representa a nova reforma laboral?

A disposiçom absoluta da vida dos trabalhadores e as trabalhadoras por parte da empresa: pola nova regulaçom da mobilidade geográfica e das modificaçoms substanciais de condiçoms de trabalho. Também gerará medo a exigir direitos e arriscar-se a um seguro despedimento. A substituiçom de pessoal com direitos adquiridos, por umha precarizaçom geral dos postos de trabalho a todos os níveis. A perda de direitos sindicais e a inutilidade da negociaçom coletiva, que pode ser der-

rogada unilateralmente polo empresário. Penso também que esta reforma será um início e nom um fim.

Como avaliades a uniom doutros movimentos sociais além dos sindicatos?

Ainda que a convocatória costume ser sindical, já que som os instrumentos de luta da nossa classe, o 15-M, se é umha organizaçom assemblear e de luta formada por trabalhadoras em desemprego ou em activo, a sua uniom à greve seria essencial.

Porque nom há umha contestaçom generalizada contra a crise do capital?

Creio que há umha geraçom que gozou de direitos que por lutou e conquistou a geraçom anterior e perdeu a consciência do que custa consegui-los. Nova concepçom de que todas podemos ser empreendedoras. O acesso à universidade das filhas e filhos da classe obreira através das bolsas fijo crer às licenciadas que ja nom som classe obreira mas classe média. / X.M.



“Há que expandir os conflitos”

■ BLOCO ANTICAPITALISTA DA CORUNHA, ENTREVISTA COLETIVA

Desde há mais dum ano, o Bloco Anticapitalista da Corunha, vem aparecendo em diversas mobilizaçoms cum marcado decurso anti-sistema e crítico com os tradicionais modelos de organizaçom.

Qual é a vossa postura diante da greve?

Pese às dúvidas que nos suscita esta convocatória em termos de potencialidade, consideramos importante que se vão sucedendo experiências de luta contra os recortes, independentemente das siglas que a acompanhem. No passado ano, tivemos a oportunidade de aportar os nossos esforços na greve convocada pola CIG. Vivemos umha jornada de luta em alguns aspectos positiva, mas que se estava longe de cumprir as expectativas. Veremos, desta vez, quanto temos avançado no fortalecimento do tecido combativo durante este último ano.

Como se deveria, para vós, a maneira de intervir no âmbito laboral?

A crise tem acentuado as dificuldades para artelhar a autodefesa dos trabalhadores. As taxas de desemprego e de temporalida-

de, sobretudo entre os sectores mais moços, incitam ao medo à perda do emprego. Nunca fora tam fácil para a patronal desfazer-se dos “elementos perigosos”. Por outro lado, o sindicalismo foi incapaz de dar umha resposta contundente à atual conjuntura. Dificilmente, um trabalhador vai poder sindicarse se tem um contrato temporário. Da nossa perspectiva, tam só a autonomia operária pode adequar-se ao cenário. Deve ser a auto-organizaçom que tome a palavra. Isto sem desmerecer o esforço e sincero dalgum sindicato.

Tendes previstas açons contra a reforma?

É cedo ainda para falarmos de açons concretas. Mas estamos dispostos a colaborar na expansom da conflitividade social, sempre da nossa perspectiva, autónoma e independente. No dia 29 de março, aguarda-nos umha nova oportunidade para medir-nos com o poder e o capital. É importante saber abstrair-se do imediato e observar os factos de modo objectivo, evitando os atrancos das sobre-identificaçoms tam comuns na esquerda, e propor açons coletivas com outro tipo de movimentos. / D.R.C.

“As forças que trabalham via instituiçoms estám em declive”

■ IAGO É MEMBRO DA ASSEMBLEIA DO OBRADOIRO (SANTIAGO DE COMPOSTELA)

É a greve geral do 29 umha forma de mobilizaçom ajeitada para luta contra a reforma laboral?

A greve é necessária. Mas as greves, tal como se venhem desenvolvendo, acontecem num dia, com um desfile que fam os sindicatos e um tanto que se apontam, e ao dia seguinte já nom há mais. Deveria durar mais dum dia. Acho que o mais importante é criar umha estrutura organizativa que aglutine a um montom de gente para poder dar umha resposta às políticas que se estám a levar a cabo. Greve geral sim, mas tem que haver algo mais, se fica nisso vai ser um fracaso.



Que tipo de mobilizaçoms som necessárias, tanto face à greve como a partir desse dia?

Estamos a trabalhar conjuntamente com os sindicatos minoritários do âmbito de Compostela para

convocar umha assembleia aberta em que participem tanto trabalhadores que já estám organizados, como pessoas que nom o estejam e todo tipo de movimentos sociais. Acho que a via seria essa: estruturar toda a oposiçom que há contra a reforma laboral e todas as medidas do Governo e tentar criar umha força unitária. E através disto dar umha resposta contundente. Sobre todo, há que realizar um trabalho de pedagogia para que a gente conheça outras formas de organizar-se e lutar. As forças que trabalham através das instituiçoms vemos que estám em declive, cada

dia tenhem umha cissom nova ou há gente que se marcha. Parece que esse é um modelo de organizaçom que está caduco.

Que relaçom pode haver com os sindicatos tradicionais, especialmente com as suas bases, neste tipo de mobilizaçom?

Há que distinguir entre os sindicatos minoritários e maioritários. Os minoritários estám de acordo com realizar assembleias, procurar umha unidade e transcender as formas de luta tradicionais. Quanto aos maioritários, pois acho que a cúpula dos mesmos nom compartilham isto, já que de algumha maneira nom se lhes permite ser a vanguarda da luta operária. Eu gostaria de que as bases críticas de todos os sindicatos aderissem a este tipo de iniciativas. Gostaria que esta gente participasse e se desligasse dos seus sindicatos, assim de claro. Há alguns sindicatos que a dia de hoje nom tenhem salvaçom, ou a gente se marcha ou estarám aí sem chegar a nenhum lado. / A.L.R.



Os medios en galego
son vitaminas para a lingua
www.vitaminasparagalego.gal

POSITIVAS

EM ANÁLISE

Causa Galiza aspira a “consolidar o bloco político soberanista-independentista”

Rutura do BNG perfila novo nacionalismo

ANALISAMOS AS ORIGENS E O DESENVOLVIMENTO DA CRISE INTERNA PARA EXPLICAR O MOMENTO ATUAL

A crise no nacionalismo representado polo BNG nom é recente. Durante muito tempo, as contradicións resolvêram-se no seio da organización, tradicionalmente hermética aos média, mas, por vezes, pequenas explosions chegavam ao conhecimento da opinión pública. Foi quiçá na década dourada do BNG, os anos noventa, que começáron as hostilidades que nas últimas semanas se tornáron guerra aberta. Na altura, a batalla deu-se no quadro da Galiza Nova e culminou

com a saída do MEU dos CAF, salpicando a gestom do Conselho da Juventude da Galiza e tendo como ‘dano colateral’ a saída da Primeira Linha, pola esquerda. No fundo das sucessivas crises até à situação actual está o questionamento do papel da UPG no conjunto do movimento nacionalista. A convivência entre as duas almas do nacionalismo galego, a que pretende adequar a teoria à prática e a que entende que a primeira é inquestionável, pode estar chegando ao fim.

R.R.B. / A começos da década pasada as contradicións entre a prática política institucional e o corpus teórico fundacional do BNG som evidentes na maioria dos Concelhos governados ou co-governados polo nacionalismo galego. Será à volta desta contradición e do debate acerca de como alargar a base e a penetração social que começaram a marcar-se posições. Umha das primeiras consequências deste debate é a aparição, após um dos primeiros devalos eleitorais, da candidatura na décima Assembleia Nacional da corrente de nom-adscritos, um dos alicerces do que hoje se chama Mais Galiza. Esta corrente apresenta umha candidatura ao Conselho Nacional e defende umha série de propostas que apostam na “renovação orgânica, de discurso e de pessoas e a abertura do Bloco à sociedade”.

A candidatura oficial, que estava conformada por quase todos os partidos da frente e encabeçada por Xose Manuel Beiras, acabou por ganhar na altura a Assembleia; mas a candidatura alternativa obteve uns resultados nada desprezáveis. Será na seguinte assembleia, a que concorrem duas candidaturas alternativas, a dos non-adscritos ao Conselho Nacional e umha candidatura alternativa à Presidência da Junta encabeçada por Camilo Nogueira, que irá conformar-se a aliança Quintana-UPG. Estas duas ‘candidaturas alternativas’ nom som umha corrente unitária (a corrente non-adscrita desmarca-se do debate das candidaturas à Presidência da Junta), mas som o sintoma de que o modelo frentista constituído por militantes individuais e partidos e coletivos começa a mudar e tornar-se mais complexo após a passagem polas instituições municipais.

A mutação do frentismo: dos partidos às correntes

A aliança entre Quintana e a UPG acaba por excluir Xosé Manuel Beiras de qualquer responsabilidade política no Bloco, bem como das listas para as eleições autonómicas. Tempo antes, quando ainda



era presidente do Conselho Nacional, ele mesmo advertira num documento interno dos perigos que para a estrutura do BNG comportava a prática da maioria aritmética nos organismos de direção e culpava o principal partido da Frente (a UPG) do abandono da linha consensual na tomada de decisões. A exclusão de Beiras e doutros colectivos e pessoas, mas também as múltiplas tensões provocadas pela ‘estranha’ adequação entre a teoria e a praxe institucional, têm no mínimo duas consequências: ‘deslocamento de

Subordinar o trabalho das entidades sociais à estratégia eleitoral do BNG causou malestar

terras’ nos diversos colectivos e partidos e a conseguinte aparição das correntes, e que a chegada por fim ao governo da Junta se faga com umha vida interna já mui tensa. Do mesmo jeito, esta aliança lança-se a mudar a participação

nas assembleias nacionais introduzindo pela primeira vez no Bloco a figura dos delegados e delegadas. Como resultado de todo o anterior, na Assembleia Nacional que teve lugar no ano 2006 com o BNG no governo foram apresentadas quatro candidaturas, três delas alternativas à aliança UPG-Quintana.

O bipartido e a UPG

Mas a aliança com Quintana e as crescentes contradicións entre a teoria e praxe da Unión do Povo Galego têm também consequências neste partido. Setores

críticos assinalam que o seu dirigismo e a sua estratégia de subordinar o trabalho das organizações sociais à estratégia e tática eleitorais do BNG, assim como a defesa e o fortalecimento do seu aparelho orgânico no que denomina “organizações de massas do movimento nacionalista” produzem crises em todas as que pressunha ser hegemónica: mantém o controlo sobre a ADEGA umha vez provocada a cisão da Verdegala, perde a hegemonia no SLG e finalmente provoca outra cisão nos Comités de onde surge a Liga Estudantil Galega (no ano 2010) já sem o controlo da UPG. De referir ainda, o caso da CIG onde as tensões ocorrem no interior da própria Maioria Sindical, criada anos antes pela UPG para manter o equilíbrio dentro da central, e produzem o efeito inverso: umha cisão da própria UPG com a articulação dumha corrente alternativa que concorre, junto às outras duas candidaturas críticas, na Assembleia Nacional do ano 2006. Nom todas as correntes internas da UPG entendem do mesmo jeito a aliança com o denominado “quintanismo”.

Soberanismo reage perante o novo cenário

C.B.G. / Os movimentos abertos após a assembleia do BNG coincidem com a emergência de novas posições no campo independentista. Causa Galiza tinha chamado às vozes discordantes antes da assembleia de Ámio e saudou a saída do Encontro Irmandinho do BNG, enquanto a FPG anunciou em finais de fevereiro a decisão de “deixar de ter presença e representação nos órgãos de Causa Galiza”. A resolução adotada no dia 4 do passado mês acusa a entidade autodeterminista de se ter transformado “numha simples expressão partidista (...) que vulnerou os princípios do acordo e a democracia”.

Este partido une-se a Nós-UP como organização independentista que se exclui do referente unitário e afirma ter vontade de trabalhar na articulação de umha “proposta que aglutine umha frente ampla, plural e de esquerdas”, que poderia ter como interlocutores a elementos saídos do BNG como a

agrupação de Xosé Manuel Beiras ou Esquerda Unida, com que mantém alianças de carácter municipal em Cangas do Morrazo.

Por sua vez, o Movimento pola Base anunciou a convocatória de umha conferência nacional para o próximo 31 de março com o objetivo de perfilar os passos a dar no seu futuro mais próximo, tendo “mui em conta a atuação política das organizações e agentes com que manteve relação” nos últimos anos a partir da sua saída do BNG. Debaterão sobre a “validade das estratégias postas em andamento e a adequação das mesmas ao novo contexto”.

Causa Galiza procura recolocar-se

A entidade autodeterminista Causa Galiza prepara em paralelo umha assembleia geral para 25 de março em que aspira a “consolidar o bloco político soberanista-independentista” que representa. Aurélio Lopes declarou ao NOVAS DA GALIZA que pretendem “superar o

esquema de organizadores de atos em efemérides” com o objetivo de intervir “num contexto extremamente dinâmico” para socializar a reivindicação do direito de autodeterminação. Destaca que na sua perspectiva os partidos “nem se integram nem se excluem” na iniciativa soberanista, e assinala que militantes da FPG continuam a trabalhar no seio de um referente em que a maior parte dos e das suas integrantes carecem de vínculos partidários.

Anunciam que irão abrir umha fase de interlocução com “todos os agentes do nacionalismo”, sem excluir o diálogo com um BNG, que consideram que “deixa de ser já para todos os efeitos a ‘casa comum’ do nacionalismo”. No documento que debaterão em finais de março afirmam que é “inviável incidir no País e defender de maneira efectiva o Povo Trabalhador Galego sem um projeto político de massas”.

mo". A corrente mais reticente, nucleada em torno ao sindicato nacionalista, umha vez perdido o governo, passará a ser fundamental para manter as posições deste partido no novo cenário.

Mais Galiza e 'irmandinhos'

As fronteiras entre estas duas correntes som difusas, se bem o Encontro nasce para defender a concepção inicial do BNG e as regras de jogo internas que garantam a utilidade e unidade do "projecto comum". De um modo ou doutro, ambas as correntes apostam em adequar o discurso e a praxe do nacionalismo, para superar as contradições entre a praxe institucional e a teoria 'clássica'. Mais Galiza nom é o 'quintanismo' exactamente: no seu seio estão presentes o municipalismo e sectores de independentes e também coletivos surgidos no BNG (como Esquerda Nacionalista e a sua rearticulação Espaço Socialista Galego) que fôrom construindo a sua alternativa durante muitos anos desde abaixo, também durante o bipartido, e muitas vezes à margem do poder institucional, suportando ademais a pressom interna de um aparelho orgânico do que nunca figérom parte. Daí que ambas as correntes vejam a proposta da UPG só como puro tacticismo: o que se fai quando se chega às instituições nom acompanha o que se diz pensar, cousa que na própria UPG entendem que seria inviável. Por outra parte, a percepção de que o se esconde que por trás dessa 'defesa das essências ideológicas' é apenas umha luta polo controlo orgânico da frente e dos primeiros postos nas listas nos diferentes processos eleitorais vai ganhando força na base militante do Bloco. Nesse sentido, entendem agora a atitude da UPG: após a derrota do bipartido, este partido quereria recuperar a hegemonia no bloco mediante a 'clarificação ideológica', desligando as questões teóricas das organizativas, recuperando as críticas pola esquerda ao bipartido contra o 'quintanismo', autoexcluindo-se da gestom anterior e pretendendo concentrar de novo a centralidade no Bloco para, no fundo, nom fazer nada que nom seja o que tem feito até hoje, segundo destacam os seus opositores. Os mesmos que aludem a que esta atitude de 'tampom' da UPG, acrescida à prepotência dumha organização acostumada a negociar por riba componendas após lançar às suas bases contra o 'inimigo interno' umha e outra vez, figérom que desta vez a pressom da pota fosse demasiado forte. Após está importante rutura do BNG veremos que cenário político se vai desenhando e poderemos comprovar se no terreo institucional há espaço para mais de umha força política nacionalista e em que pontos se estabeleceram os matices ou as diferenças entre elas.

A DENÚNCIA

Família dum ex-alto cargo do PP construi umha casa no leito dum rio

A família de Juan Caamaño Cebreiro, conselheiro da Pesca com Fraga e filho dum ex militar franquista que foi alcalde de Ferrol, está a construir umha vivenda sobre o leito do rio Rodeiro, em

Muros. A obra ilegal alterará o curso do rio, cuja demarcação desapareceu casualmente da versom definitiva do Plano Geral de Ordenamento Municipal (PGOM) da localidade corunhesa.

M.B. / A construção da casa, situada diante da praia do Espadanal, na paróquia de Louro foi promovida inicialmente por Francisco Caamaño Cebreiro, irmão de Juan e filho de Francisco Caamaño González, coronel da Armada franquista que foi alcalde de Ferrol e vice-presidente da Caixa Galicia e do Celta de Vigo. Depois do seu falecimento o ano pasado, quen está a levantar a vivenda na actualidade é seu filho Luis, ex gerente da empresa eólica Gamesa na Galiza e no noroeste peninsular e atual director internacional da empresa basca na Europa do Leste.

Segundo testemunhos recolhidos por esta publicação entre a vizinhança do lugar, as influências da família Caamaño Cebreiro explicariam que o traçado do rio desaparecesse da redação definitiva do Plano Geral, enquanto si figurava em versons anteriores, no cadastro e em documentos municipais. As obras de construção da vivenda incorrem em ilícitos como o desvio das águas mediante umha canle ou o incumprimento da distância mínima entre o rio e os alicerces da edificação. Já, anteriormente, outro dos irmãos, Vicente, infringira o regulamento urbanístico ao ampliar sem licença umha vivenda situada na zona velha da localidade. O PGOM que permite construir a vivenda da família Caamaño Cebreiro foi aprovado polo bipartido BNG-PSOE, que presidia um alcalde nacionalista, ainda que a elaboração do documento tivesse lugar durante a etapa em que o PSOE dirigia Alcaldia.

Interesses no negócio eólico

A família Caamaño Cebreiro possui interesses empresariais em sectores como a energia eólica ou a promoção imobiliária. Francisco foi administrador até o seu falecimento da empresa Espadanal Proyectos Inmobiliarios, sendo substituído no cargo pola sua dona em maio de 2011. O seu filho Luis tem interesses em companhias eólicas e imobiliárias, ademais de ser o director internacional da Gamesa na Europa do Leste. Antes, fora gerente da empresa basca na Galiza e no noroeste peninsular, assim como director internacional.

A sua actividade profissional como máximo responsável da Gamesa no nosso país coincide com a designação do seu tio Juan como director do Instituto Energético de Galiza (Inega), aonde chega depois de passar pola Conselleria da Pesca. Desta época som a maioria das suas participações em empresas do sector.

Promotor do Serviço de Guarda-Costas

Em 1990, pouco antes de ser nomeado conselheiro da Pesca por Fraga, Juan Caamaño promove juntamente com Enrique López Veiga a criação do Serviço de Busca e Salvamento, que mais tarde passaria a chamar-



As suas influências explicam que o traçado do rio desaparecesse da redação definitiva do Plano Geral

A família Caamaño Cebreiro possui interesses na energia eólica e na promoção imobiliária

se se Serviço de Guarda-Costas da Galiza. Juntos recrutam o viguês Fernando Novoa, ex oficial da Armada espanhola e piloto de helicópteros de salvamento que trabalha para a Junta como assessor marítimo. Novoa convence o presidente galego para importar o modelo da sociedade espanhola 'Salvamento y Seguridad Marítima' (Sasemar).

As irregularidades marcárom o processo logo desde o início. De feito, tal e como noticiava o NOVAS DA GALIZA no número 37, os dous primeiros directores-gerais da Sasemar na Galiza (José Álvarez Álvarez e Emiliano Martín Bauza) chegárom ao cargo depois de serem obrigados a abandonar o Serviço de Vigilância Aduaneira (SVA) polas suas relações com contrabandistas e narcotraficantes. Álvarez chegaria presidir posteriormente a Sogama.

A gestom do serviço foi um suculento negócio para as empresas, como no caso da aquisição de meios aéreos, que se deixou

nas mãos da Helicsa. Trata-se dumha filial do grupo Inaer Inversiones Aéreas, propriedade da família Fernández de Sousa-Faro e que controla mais de 70% do negócio dos helicópteros em todo o Estado. Novoa exerce o cargo de conselheiro delegado e à cabeça do holding está Manuel Fernández de Sousa-Faro, o presidente da Pescanova, com 21% das ações. Mas a família em conjunto é dona de 50% dos títulos através da empresa de material ferroviário Transfesa, anteriormente presidida polo máximo responsável actual da sociedade empresarial Inaer, Antonio Domínguez Garcés, casado com umha das irmãs Fernández de Sousa.

Este conglomerado empresarial acumula mais de 20 processos sancionadores da Aviação Civil e Inspeção do Trabalho, segundo denunciou o Sindicato Espanhol de Pilotos de Linhas Aéreas (Sepla). Isso nom impede que a sua filial Helicsa continue a ser a única adjudicatária da Junta em meios aéreos desde 1995 polo que obteve mais 100 milhões de euros.

As origens desta empresa remontam ao ano 1965. Na própria página web da companhia explica-se que nasce por iniciativa de Eduardo Saavedra, que viria a ser a ser piloto do rei espanhol, e com a ajuda económica das companhias galegas Ucomar e Zeltia. A relação da Família Real espanhola com a empresa nom ficaria por aí e há quem atribua ao rei de Espanha o ter mediado junto do rei norueguês em favor da companhia. Pessoas do contorno de Fernando Novoa confirmárom que o empresário se gaba em público da sua amizade com Juan Carlos, com quem teria compartilhado viagens em helicópteros da Junta.

A EXAME

Passam a ser geridos por empresas os novos centros infantis de Monte-Porreiro, Coristanco, Pino, Carvalho e Betanços

Junta vai privatizar as escolas infantis

PREVEEM UM PIORAMENTO DO SERVIÇO A PARTIR DOS CORTES E DAS CONCESSIONS A SOCIEDADES EMPRESARIAIS

A privatização da rede de escolas infantis A Galinha Azul colhe impulso tras a vitória eleitoral do PP no Estado espanhol. Já no mês de outubro CIG-Ensino denunciava que a Junta estava estudando a “externalização” de 17 escolas infantis de próxima abertura, as quais correspondia ao Consórcio Galego de Ser-

viços de Igualdade e Bem-Estar dotá-las de pessoal educativo. Em janeiro aparecem no Diário Oficial de Galicia (DOG) as primeiras concessões. Trás uns concursos que se desenvolveram por via de urgência já som 5 os centros para nenos de entre 0 e 3 anos que passaram a ser geridos pela empresa privada.

A.L./ Durante o mês de janeiro, publicou-se em diversos números do DOG a licitação da “contratação da gestom do serviço público de atención educativa à primeira infância” de 5 novos centros de educação infantil que iriam ser abertos em breve em Monte-Porreiro (em Ponte-Vedra), Carvalho, Betanços, O Pino e Coristanco. Este procedimento, que a Administração autonómica define como sendo uma “externalização”, tem como objectivo colocar nas mãos privadas os serviços educativos duns centros pertencentes a uma rede que nasceu para garantir à população o acesso a serviços sociais públicos.

Segundo a documentação que se pode consultar na própria web do Consórcio (www.igualdadebenestar.org), estas adjudicações estão já na fase definitiva e som duas as empresas que beneficiarão da privatização das cinco escolas infantis referidas. Por um lado, está a Fundación de Estudos e Análises (Fesan), à qual som adjudicadas a gestom das escolas de Coristanco, O Pino e Monte-Porreiro. Pola gestom privada destes três centros o Consórcio desembolsará à adjudicatária perto de 1,6 milhões de euros.

Conforme publicou no mês de fevereiro o jornal digital *Galicia Confidencial*, a Fesan está a receber uma grande quantidade de contratos por parte da Junta. Assim, esta publicação indica que na atual legislatura de Alberto Núñez Feijóo esta fundação teria recebido dos cofres autonómicos uns 3,7 milhões de euros através de diversas subvenções e adjudicações. Nas últimas semanas salientou-se a ligação entre a Fesan e o Opus. Assim, é destacável que o representante legal da funda-

No mês de janeiro a Junta aprovou via decreto subir os preços do serviço

ção, Manuel Rodríguez Sedano, forma também parte do patronato do Colegio Junior's de Santiago. Por outra banda, fontes sindicais indicaram ao NOVAS DA GALIZA que a própria Fesan recebeu no ano 2009 a adjudicação da gestom dumha escola infantil situada no Edifício Administrativo da Junta em Sam Caetano.

A outra empresa contratada para a gestom de outros dous centros infantis é a Promoción de la Formación Las Palmas S.L., sociedade sediada em Madrid. O pessoal educativo das novas escolas A Galinha Azul de Carvalho e Betanços correrá a cargo desta empresa, a qual receberá 897.039 euros polo primeiro e uns 700.854 euros polo segundo centro, tal como se indica nos dados publicados na web do Consórcio. Segundo soubo o NOVAS, o administrador único desta empresa, Fernando Ayo Díaz, é um empresário que também tem interesses no negócio imobiliário.

Monte-Porreiro

A CIG-Ensino, central sindical que esta a abandeirar a luta contra a privatização da rede de escolas infantis, lembra que estas Galescolas recém privatizadas estavam já licitadas polo Governo bipartido, “portanto nom se estão a ofertar novas vagas, senom que se está a abrir o que já estava aprovado e, em vez de fazê-lo como estava previsto, fai-se entre-



ZELIA GARCIA

Fesan e Promoción de la Formación Las Palmas som as beneficiárias

gando-as às mãos privadas, desmantelando a rede de escolas infantis que se criara”.

Os acordos entre o Consórcio e os Concelhos estabelecem que estes últimos se encarregam de entregar as instalações e de mantê-las durante a vigência do acordo, enquanto o Consórcio dota de material didático e de pessoal. A central sindical assinala que os atuais movimentos privatizadores consistem em “ceder esta segunda parte do acor-

dado a uma empresa privada”.

O exemplo do caso do Monte-Porreiro permite salientar vários dados. A adjudicação à Fesan será durante 30 meses. O importe do contrato para o centro pontevedrés é duns 763.805,40 euros, com IVA. Segundo fontes de CIG-Ensino, se desta gestom se encarregasse o Consórcio os gastos nom chegariam a 500.000 euros para o mesmo número de meses, polo que realmente tampouco se está a aforrar dinheiro optando pola privatização.

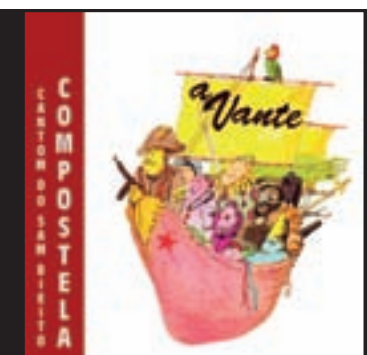
Estratégia de desmantelamento

Em paralelo à entrada de empresas privadas na gestom das escolas infantis, o Consórcio apresentou aos sindicatos uma série de medidas dirigidas ao pessoal laboral, que ainda foram elaboradas defi-

nitivamente. As propostas do Consórcio passariam por uma convocatória de oposições para determinadas vagas, a elaboração dumha Relação de Postos de Trabalho e a integração do pessoal do Consórcio numa nova Agência Galega de Serviços Sociais. Tendo em conta a complexidade da estrutura do pessoal laboral da rede A Galinha Azul, a qual conta com mais de 100 centros, fontes sindicais crem que as propostas do Consórcio tenham a intenção de dividir às pessoas trabalhadoras, reduzir o pessoal e abrir o caminho para uma privatização.

Mas os movimentos arredor das escolas infantis nom acabam acó. No mês de janeiro a Junta aprovou via decreto uma suba nos preços públicos das escolas infantis. A última vez que se revisaram estas taxas foi no ano 2002, sem que fossem modificadas até o momento atual. A suba começará a aplicar-se desde o próximo mês de setembro, mas este incremento abre a porta para que aqueles centros que nom sejam titularidade da Junta subam também as tarifas. Ante isto, a CIG-Ensino perguntam-se se esta iniciativa, pola sua coincidência, nom terá a intenção de pôr-lhe o “colchom” mais apetecível para as empresas privadas.

O que sem dúvida é nítido é que a privatização das escolas infantis vai implicar que “o serviço irá ser infinitamente pior”, segundo afirma a central sindical nacionalista. “No tocante às trabalhadoras, vai-se piorar em direitos, em salário e em horas de trabalho, que se ampliarão. E os usuários em vez de disporem dum número suficiente de pessoas para um cuidado educativo vam passar a ter um cuidado assistencial por um menor número de pessoas e de menor qualidade”.



MEDIA

VITAMINAS PARA O GALEGO FOI APOIADA POR 197 'MECENAS' DIOIVO: "JORNALISMO PARA O PAÍS DA CHUVA"



A campanha de promoçom dos meios no nosso idioma Vitaminas para o Galego entregou 'recompensas' às 197 pessoas que permitirom juntar 6.830 euros na primeira fase da campanha, o dobro das expetativas de arrecadaçom. Prepara-se a organizaçom de um festival em Compostela para o próximo dia 27 de abril.



O digital Dioivo fijo a sua apariçom no dia 29 de fevereiro oferecendo umha original proposta comunicativa que procura dispor de temas próprios para "contar e contrariar", tendo como base umha "uniom temporal de jornalistas", boa parte dos quais provemem das redaçons dos jornais Xornal de Galicia e Galicia Hoxe.

Exigem a 'La Voz' que devolva ajudas para criaçom de emprego por despedir pessoal

A SALA DO CONTENCIOSO DA AUDIÊNCIA NACIONAL ESPANHOLA DESESTIMOU O RECURSO DA EMPRESA INFORMATIVA

XOÁN R. SAMPEDRO / O jornal corunhês La Voz de Galicia acaba de ser definitivamente obrigado a devolver ao Estado mais de 460.000 euros que recebera em forma de "Incentivos regionales de la Zona de Promoción Económica de Galicia" no ano 2004. A Sala do Contencioso da Audiência Nacional espanhola resolveu que, longe de criar os postos de trabalho exigidos como condiçom para beneficiar dos 'incentivos', La Voz de Galicia destruiu postos de trabalho no período marcado pola norma.

La Voz de Galicia deverá devolver às arcas do Estado 460.721 euros, por força dumha sentença publicada no mês de setembro pasado, mas que só agora foi conhecida pola opiniom pública. A Sala do Contencioso da Audiência Nacional proferia entom, através da magistrada Mercedes Pedraz, umha sentença a rejeitar definitivamente os recursos da La Voz de Galicia S.A. contra a ordem ministerial que desde 2010 lhe exigia a devoluçom do dinheiro, que rece-

FUNDAMENTOS DE DERECHO

PRIMERO. - Es objeto de impugnación en el presente recurso contencioso-administrativo la Orden dictada por el Ministro de Economía y Hacienda el día 15 de junio de 2010 por la que desestima el recurso de reposición interpuesto por LA VOZ DE GALICIA S.A. hoy actora, contra la Orden Ministerial de 25 de febrero de 2010 por la que se declaró el incumplimiento total de las condiciones establecidas para el disfrute de los incentivos regionales de la Zona de Promoción Económica de Galicia, otorgados a dicha empresa en el expediente C/662/P05.

El Ministro desestima el recurso de reposición.

En la Orden de 25 de febrero (folio 419 del expediente) se establece literalmente:

"Artículo único : Se declara el incumplimiento de las condiciones establecidas para el disfrute de los incentivos regionales otorgados a las Empresas relacionadas en el anexo de esta Orden. En consecuencia, se modifica el importe de las subvenciones concedidas en proporción al alcance del incumplimiento, según se detalla en el anexo, debiéndose publicar la Orden en el Boletín Oficial del Estado conforme a lo dispuesto en el artículo 60 de la ley 30/1992 , todo ello sin perjuicio de efectuar la notificación de la misma a los interesados a la que se adjuntará copia compulsada de informe-propuesta que ha servido de base para la declaración de cada incumplimiento".

SEGUNDO. - El primer motivo de impugnación alegado por la recurrente se centra en la caducidad del expediente administrativo. La actora entiende que es de aplicación lo dispuesto en el Real Decreto 1535/1987 de 11 de diciembre por el que se aprueba el Reglamento de desarrollo de la Ley 50/1985 de Incentivos Regionales , y no el Real Decreto 899/2007 de 6 de julio , por el que se aprueba el Reglamento de Incentivos Regionales de desarrollo de la Ley 50/1985 como sostiene la Administración.

bera em 2004. La Voz de Galicia alegava contra a ordem ministerial a caducidade dos prazos.

Destruiçom de emprego
Segundo diz a sentença, a empresa ficava comprometida polo subsídio a "criar e manter 6 postos de

Tenhem que devolver ao Estado mais de 460.000 euros em "incentivos regionais"

trabalho ao termo do prazo de vigência [...] e a mantê-los nos dous anos posteriores". Considera "inescusável" o cumprimento desse compromisso, já que, se nom se dá, "só produz 'beneficio' ao sujeito fomentado (a empresa) e nom se satisfaz o interesse públi-

'La Voz' pretendeu fazer passar por indefinidos umha série de contratos por obra

co ou interesse social". E este é o caso do que ocorreu no jornal de Santiago Rey Fernández-Latorre: nom só nom mantivo os seis postos de trabalho que lhe exigia o desfrute do subsídio, como ainda ao longo do período analisado mantivera dez postos de trabalho menos dos que tinha no momento de receber o dinheiro público.

Mais ainda, a defesa de La Voz pretende fazer passar por contratos indefinidos umha série de contratos por obra e serviço, chegando ao ponto de, como diz também o tribunal espanhol no seu relatório fazer "umha nova inscrição na Segurança Social a 17 de abril de 2009, um dia depois de receber a comunicaçom de início do processo por incumprimento".

Junta prepara por via de urgência a pré-campanha eleitoral do PP

X.R.S. / Umha série de licitaçons alimentou a hipótese de que as eleiçons autonómicas irám realizar-se no outono próximo. Mediante convénios a meios e a contrataçom de sete campanhas publicitárias, o PP prepara com dinheiro público, mais de milhom e meio de euros, a estratégia de comunicaçom para essas eleiçons.

A prática habitual de insuflar dinheiro às empresas informativas a dedo, mediante convénios, continua a ser prioritária para o governo de Núñez Feijoo, até ao ponto de considerá-la um motivo de

"urgente e inadiável necessidade" para abrir um novo capítulo orçamentário. Assim foi noticiado polo portal Galicia Confidencial, que publicou um documento oficial em que Ethel Maria Vázquez Mourelle, diretora da Agência Galega de Infraestruturas, solicita a abertura adiantada dum capítulo dos orçamentos de 2012 para "tramitar convénios no valor de 340.000 euros".

Os beneficiários som os cabeçalhos mais tradicionais da imprensa local do País, entre que salienta o grupo de La Voz de Galicia, que vai

Infraestruturas solicitou adiantar parte dos orçamentos para tramitar os convénios

receber cerca de metade do dinheiro repartido, através do jornal mas também doutras divisons do grupo. A Conselheria do Meio Ambiente e Infraestruturas, que dirige Agustín Hernández, reincide assim na distribuìçom discricional de di-

nheiro público mediante um sistema de convénios que nem se ache-ga a ser transparente, e que além disso tem por único critério o arbí-trio do conselheiro do momento.

Mais de um milhom para "promover de iniciativas da Junta"
Mais o grosso das despesas públi-cas vai através da Secretaria Geral de Meios, que por procedimento "urgente e aberto" vai investir 1,2 milhons de euros em campanhas "sobre datas assinaladas e de al-cance institucional", em que pro-mover "as iniciativas da Junta de

Galiza em matéria de identidade, galegidade e datas de especial sensibilidade social".

Umha quantidade cuja maior parte irá parar também para a im-prensa, em forma de anúncios. Em concreto, os media iram repartir-se 820.000 euros, enquanto o resto acabará nas agências publicitá-rias. Do dinheiro para as empresas informativas, 60% será emprega-do na publicidade na imprensa es-crita, recaindo previsivelmente nos mesmos 6 grupos que venhem sendo beneficiários dos convénios da Junta com a imprensa.

CULTURA

O festival, organizado por Andaina, promove o crescimento cultural e artístico e o impulso às futuras realizadoras, produtoras e escritoras

A terceira edição do Mufest premia as vozes das mulheres migrantes

SHEYLA PIE E MARINA SERESEKY GANHAM OS PRÊMIOS DO MELHOR DOCUMENTÁRIO E À MELHOR CURTAMETRAGEM

Do 22 ao 25 de fevereiro teve lugar a terceira edição do Mufest, festival de cinema feito por mulheres, em Compostela, e que este ano teve como empenhamento o Centro Galego de Arte Contemporáneo. Este certame xurdiu em 2009 como um instrumento para fomentar a produción audiovisual de obras dirigi-

das, escritas ou produzidas por mulheres, proporcionando um espaço para a exhibición e o debate. Organizado pola Revista Galega de Pensamento Feminista Andaina, tenta promover o crescimento cultural e artístico e o impulso das futuras realizadoras, produtoras e escritoras.

ZÉLIA GARCIA / A atora teatral Pilar Pereira, veterana na sua profissão com 75 anos, foi a encarregada de abrir esta mostra, assinalando que “as mulheres temos que lutar toda a vida por ter o espaço que desejamos”, e sublinhou a importância de certames como o Mufest pola “defesa de esse lugar nosso no cinema”.

Realizadoras portuguesas

Ana Caterina Pereira, jornalista portuguesa, na primeira jornada deu a conhecer a realidade do seu país, onde 19 realizadoras filmáron 39 longas-metragens desde 1946. A crise, com a extinção do Ministério de Cultura e o cancelamento de subsídios ao cinema português, também afeta em maior medida as mulheres cineastas, que sofrem ainda mais a imposição de novos cortafogo económicos.

Estreia de filmes

Fórum apresentados dous filmes que ainda nom tinham sido estreitados na Galiza: Talking Heads Muslim Women, de Fathima Nizarruddin, que mostra um grupo de mulheres muçulmanas questionando a percepção ocidental que existe sobre elas; e SIS, umha curta cómica sobre o confuso que às vezes parece o mundo das pessoas adultas para duas crianças. A diretora de SIS, Deborah Haywood, entrevistou dando a conhecer a situação das mulheres inglesas no cinema e a sua própria experiência como realizadora.

Digna raiva

O documentário “Digna Rabia” codirigido por Maria Victoria Martins foi protagonista com a sua apresentação e projeção. O seu trabalho xurde do movimento da memória histórica, ao analisar as eivas deste campo, já que “se realiza umha recuperação da memória moi masculinizada”.

O filme recolhe com rigor histórico a extrema dureza da repressão franquista com as mulheres, as eivas democráticas da transição e as remoras que se arrastam desde essa época até a atualidade.



Cinema e televisom legitimam estereótipos sobre as mulleres

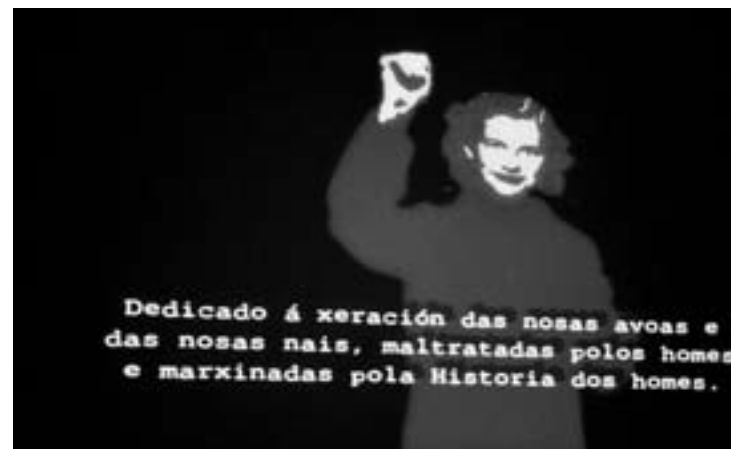
Maria Victoria Martins afirmou-se na necessidade de que “as mulheres e os homens se comprometam na igualdade real e na construção de umha sociedade justa e solidária”.

Problemáticas sociais e culturais

As duas últimas jornadas fórum os dias em que se exhibíron os filmes do palmarés do III Mufest, umha seleção variada que como em edições passadas destacáron pola sua qualidade tanto a nível técnico como criativo.

Tanto os conteúdos dos filmes fora do palmarés, como os seleccionados, tratáron sobre problemáticas sociais e culturais tratadas da perspectiva de visibilização e denúncia.

As organizadoras insistíron no fim do Mufest na necessidade de “estabelecer colaborações com outros festivais de cinema e outras organizações que contribuam à mobilidade e ampliação do espaço de exhibición das peças seleccionadas no Mufest”. Assim, apostam por “ganhar



referencialidade”, e encontrar novas vias de financiamento, já que este festival nom conta com ajudas públicas, e advogam por continuarem na autogestom e viabilidade deste projeto para oferecer um espaço de difusom onde realizadoras e produtoras entrem em contacto com as suas audiências.

Cinema e mulheres

Os relatos que transmite o cinema influíron desde os começos em todas as gerações polos seus conteúdos, argumentos, imagens e ideias. Desde as primeiras mulheres realizadoras, como a francesa Alice Guy-Blaché, até as atuais mulheres trabalhadoras nos diferentes estamentos do cinema, há todo um percurso

cheio de complexidades, mas também de avanços.

O cinema e a televisom reforçam e legitimam todo tipo de estereótipos sobre as mulheres, já que em numerosas ocasiões som representadas em roles secundários e tradicionais. Mas cada vez é maior a presença de mulheres que parte de umha visom crítica ou de outros imaginários.

Porém, este guieiro ainda é longo, e o cinema como produto social, responderá ao que acontecer ao nosso redor. Nesse sentido, o cinema feminista contribuiu a esta luta para transformar a olhada hegemónica e patriarcal imposto pola cultura. A complexidade vêm imposta pola educaçom e a cultura, que deixa fora da criação as mulheres. O retos a que se en-

O festival nom conta com ajudas públicas, aposta na autogestom

frentam as cineastas, para além das barreiras estruturais, é a construção de sujeitos diferentes à figura masculina e dominante.

Sheyla Pie e Marina Sereseky

As mulheres que percorrem milhares de quilómetros para darem um futuro melhor às suas crianças, os elos fundamentais das cadeias globais de cuidados, as suas vozes e testemunhas, fôron as premiadas na categoria de melhor peça documental nesta terceira edição do Mufest. A realizadora que as trouxe até esta beira do Atlântico foi Marina Sereseky, atora e realizadora argentina, que recolheu com “Madres, 015 el minuto” boas críticas e prémios. As migrantes relatam neste filme como vivem a realidade de serem maes através de um telefone ou de um computador, fazendo do locutório o seu segundo fogar, e transformando-o no seu recurso mais valioso.

A curta-metragem premiada como melhor peça de ficção foi “The Red Virgin”, da realizadora canadense Sheyla Pie. Trata-se da sua novena curta-metragem como realizadora. A curta galar-dada narra a história da ativista política e defensora da liberdade sexual Aurora Rodríguez, que em 1933 matou o seu projeto utópico e a sua filha Hildegart. Criada e educada por Aurora para ser a primeira mulher realmente livre para guiar a Humanidade para umha nova era, Aurora nom foi quem de suportar que Hildegart quigera ter independência e construir o seu próprio caminho. O filme examina esta tragédia e investiga a tendência suicida de assassinar aquilo que mais queremos.

Ficáron desertos por decisão do júri o prémio na categoria de Animaçom e a Mençom Especial a Melhor Obra Original em galego.

'A CONQUISTA ANTES DA CONQUISTA' VAI SER PROJETADO EM COMPOSTELA NO PRÓXIMO 23 DE MARÇO

A longa-metragem de animação basca 'Gartxot' será estreada com subtítulos em reintegrado

O filme de animação em euscará 'Gartxot, konkista aitzineko konkista' (Gartxot, a conquista antes da conquista), dirigido por Juanjo Elordi e Asisko Urmeneta, vai ser estreado no próximo 23 de março num cinema compostelano, com subtítulos em galego AGAL. Trata-se de umha longa-metragem para adultos que revive umha antiga lenda do Val de Salazar, em Navarra, sobre os bardos que lutavam por preservar a memória e a cultura do seu povo.



A.R.G. / O novo abade de Roncesvalles desterra a Gartxot, o bardo local, porque quer ficar com a prodigiosa voz de seu filho, Mikelot, e convertê-lo em monge cantor. Mas Mikelot foge do convento, e volta cantar a carom de seu pai e de umha menina, Xune, que também quer ser bardo. O filme está baseado numha banda desenhada ho-

mónima, que, por sua vez, adapta a lenda navarra do bardo Gartxot, recuperada a começos do século XX por Arturo Campión no seu livro *El bardo de Itzaltzu* (1917).

No próximo 23 de março será a estreia na Galiza deste filme, diri-

gido por Juanjo Elordi e Asisko Urmeneta, e produzido por Somuga, contando com música de Benito Lertxundi e as vozes de conhecidos cantores da zona do baixo Pireneu navarro e suletino. Trata-se de umha fita de animação para

.....
Séchu Sende:
"Gartxot é mais do
que um filme"
.....

adultos, que se projeta unicamente em euscará. Mas na Galiza, o filme passara-se nos Multicines Compostela de Compostela, com subtítulos em galego AGAL.

No NOVAS DA GALIZA soubemos da estreia do filme por Séchu Sende, quem conheceu a Asisko Urmeneta (autor de banda desenhada, desenhador da firma *Kukuxumusu* e ilustrador), numhas jornadas de Mocidade e Línguas Minorizadas que se desenvolveram em Gasteiz. Sende contou para o NOVAS que este é um filme "de especial interesse" porque "trata o tema do conflito linguístico", baseando-se numha história que se

tem convertido, com o tempo, num símbolo da proclamação da liberdade para criar em euscará e noutras línguas minorizadas. "Gartxot é mais do que um filme ou umha banda desenhada", contou Séchu Sende, "trata-se dum processo social que se articulou a seu redor um movimento cultural amplo: na comarca onde nasceu Gartxot mesmo som organizados roteiros para conhecer os lugares onde estivo o bardo".

Sende também assinalou que a longa-metragem por um lado "é formosa, dinâmica, com grande intensidade narrativa, umha original proposta e uns desenhos fantásticos", e para além disto, "é interessante como trata a dominação cultural, e a resistência a esta, duas temáticas que som, em territórios como Euskal Herria, Catalunya ou Galiza, matérias universais na criação cultural, como também o som o amor, a morte ou a vida".

Sobem à Rede o substituto precário de 'Flocos.tv'

À nova hemeroteca galega na Internet, Canle TV, pode-se aceder através da web da Agência Galega das Indústrias Culturais (AGADIC). Até agora, conta apenas com 80 produções, enquanto a sua predecessora, 'Flocos.tv', fechada há um ano, tinha arquivadas mais de trezentas produções -entre curtas, teasers, documentários, videocriações, longas e making off-, e contava com dous milhares de usuários registados.



A.R.G. / Na nova web tampouco haverá umha rede social interna, mas da AGADIC assinaláram que o número de peças irá aumentando com o tempo. Para o seu lançamento, Canle TV conta com um total de 46 teasers e 86 fitas. A

mais antiga delas é a curta-metragem documental *Los Tranvías de La Coruña*, de 1926. As fitas mais

próximas no tempo som de 2008, justo o ano em que nasceu Flocos.tv, a maior hemeroteca galega na Rede, criada polo Governo do bipartido através da também desaparecida Agência Audiovisual Galega. Esta web funcionava como umha videoteca de cinema próprio, através da qual se podiam visionar, de balde, umhas 350 curtas-metragens, longas-metragens, documentários, vídeo-criações, teasers, making off e materiais inéditos de criadores e criadoras do país. Para além disto, no momento de mudar de Governo, estavam aguardando por serem subidas à Rede outras trezentas peças, e contava com dous milhares

de usuários registados. Naquela altura, a página esmorecia por nom ter realizado o pagamento dos 300 euros que custava a sua manutenção mensal. Porém, já desde 2009 estava sem atualizar, e ficáram guardadas num caixom todas as fitas que esperavam ter o seu lugar na Internet. Segundo parece, som as peças guardadas com as que se está a começar o "repovoamento" da nova web, porém, ainda nom fôrom recuperadas todas as peças com que contava a antecessora. Na altura, o desaparecimento de Flocos indignou os internautas, que exigírom por meio das Redes Sociais a reabertura da filмотeca.

ENTRELINHAS

QUE FIZESTE NA GUERRA, PAIZINHO?

Resenha sobre o livro 'Guerra de grafias, conflito de elites', de Mário Herrero

VALENTIM R. FAGIM / Com este título, o realizador Blake Edwards construiu umha brilhante comédia em tempo de guerra. Um capitão americano é encarregue de conquistar umha estratégica vila italiana. As tropas locais estão dispostas a render-se na condição de poderem realizar um grande festival regado com muito vinho.

O livro que vos quero encorajar a ler, percorre também a senda bélica. *Guerra de Grafias, conflito de elites*, forma parte da tese de licenciatura de Mário Herrero e é o antecipo da segunda parte sobre a substituição do

galego e a normalização do espanhol na Galiza contemporânea, cuja edição está prevista para finais deste ano.

Quando a tese de Mário Herrero caiu nas minhas mãos, fiquei a pensar: este trabalho tem de ser editado. A oportunidade apresentou-se com a Coleção *Através da Língua*, umha das quatro coleções da Através Editora, carimbo livreiro da AGAL.

Na verdade, um ensaio pode vir a encher um espaço vago ou a oferecer novas perspectivas sobre um dado tema. O presente livro está decididamente na primeira cate-



goria. O grosso das pessoas nacionalmente galegas, a priori curiosas pola língua da Galiza, descon-

hecem todo o processo que levou a que o modelo de língua que emana das nossas instituições, elaborado polo Instituto da Língua Galega (ILG) ocupasse esse lugar central. Isto tem-se traduzido na legitimidade deste modelo diferencialista e a imagem de *outsider* do modelo reintegracionista.

Guerra de Grafias descreve os autores e os grupos em volta desta guerra, centrando-se nas décadas de 70, 80 e 90 e partindo de umha análise glotopolítica, isto é, as relações entre política (em todos os sentidos) e língua. Neste livro desfilarão os protagonistas

desta guerra através das suas ações e também, e isto vai aliciar o(a) leitor(a), através dos seus discursos. Afinal, som as nossas palavras e ações os que nos descrevem e nos colocam num ou noutro lugar do mapa.

Guerra de Grafias mostrará, como no filme de Blake Edwards, que a norma ILG-Rag nom foi concebida para umha guerra a sério... essa é a razão central do seu "êxito".

Mário Herrero Valeiro.

Guerra de grafias conflito de elites. Através Editora, 2011.



DOUS GALEGOS JOGAM CONTRA ESPANHA



Andrés Túñez e Julio Álvarez defendêrom a seleçom venezuelana no jogo de futebol disputado contra Espanha no 29 de fevereiro. Nascidos no seio de famílias galegas emigradas, aspiram a participarem com a 'vinotinto' na fase de classificaçom para o Mundial de 2014.

GALIZA GANHA EM TAEKWONDO E JUDO



A Seleçom Galega de Taekwondo venceu no campeonato estatal de Alacante em equipas femininas, masculinas e na geral. Somou 13 medalhas: 3 ouros, 5 pratas e 5 bronzes. No estatal de Judo, Galiza logrou o prémio à melhor Federaçom e 5 metais: 2 ouros e 3 bronzes.

A primeira Maratona da Corunha levanta grande expetaçom e debate no atletismo popular galego

ISAAC LOURIDO / No próximo 15 de abril a cidade da Corunha vai acolher por primeira vez umha prova atlética da mítica distância da maratona (42,195 quilómetros), com circuito homologado oficialmente e organizaçom compartilhada pola federaçom galega da especialidade e a câmara municipal. Na carreira, que servirá ao mesmo tempo como campeonato galego da distância, os e as participantes deverão completar três voltas a um traçado de perfil plano, propício para a consecuçom de bons registros, que percorre algumas das ruas mais céntricas da cidade.

A celebraçom de umha prova com todas estas características vinha sendo umha demanda central do atletismo popular galego nos últimos anos. Após a queda da modesta Maratona do Baixo Minho (Tui), e apesar da celebraçom da popular (mas sem distância homologada) Maratona do Minho (Ourense), esta I Maratona da Corunha vem encher um oco gritante no já consolidado calendário nacional de carreiras de fundo, que conta com provas muito sucedidas (quanto a número de participantes e nível atlético) tanto em 10 quilómetros como na meia maratona.

Vozes críticas pedem umha competiçom mais atenta ao espírito popular

O atletismo profissional reclama determinadas condiçons económicas e organizativas

Contodo, a expetaçom gerada por esta convocatória, especialmente visível nas mais de 800 inscriçons efetuadas no momento do feche da ediçom deste jornal, nom evitou o surgimento de determinados debates em volta do evento. Por exemplo no que tem a ver com a sensaçom de certa improvisaçom na convocatória, cujo regulamento foi dado a conhecer com pouca antecipaçom e deixa algumas dúvidas quanto à logística organizativa da competiçom.

Para além disto, a principal controvérsia está representada pelas vozes que reclamam umha Maratona mais atenta ao espírito popular e menos virada para a face pro-



fissional e lucrativa do atletismo. A inscriçom é debalde para as pessoas com licença pola Federaçom Galega de Atletismo, mas custa entre 25 e 50 euros para o resto (dependendo da data em que se fíger a inscriçom). Por outro lado, serão concedidos diversos prémios em metálico para os e as atletas mais velozes, com cifras e categorias que vam dos 2.500 euros para o primeiro homem e a primeira mulher da classificaçom geral até os 150 para quem vencer entre os atletas locais.

Apesar de se tratar de quantidades bastante inferiores às habituais no âmbito ibérico e europeu, as reflexons e as queixas colocadas em relaçom com o assunto demonstram qual é o principal repto das maratonas na atualidade: a tensom entre o atletismo popular, capaz de mobilizar milheiros de pessoas que se reúnem polo simples gosto de correr, e o atletismo profissional, que reclama determinadas condiçons económicas e organizativas para fixar o atrativo de umha prova concreta.

Seja como for, as expectativas gerais para esta Maratona da Corunha parecem localizar-se na sua continuidade para as próximas temporadas e na consolidaçom de umha identidade própria para a prova fundamentada nas bondades do seu circuito, bem como na solvência de umha organizaçom que, atendendo as demandas do atletismo de base, nom claudique à tentaçom de pôr em prática o modelo empresarial que domina nas maratonas mais prestigiosas a nível internacional.

Força, coração e palám: encara Inditex comprando camisolas bilhardeiras

XERMÁN VILUBA / Em princípios de março realizou-se em Mondonhede o mítico Aberto da Tarta, em homenagem aos ativistas anti-TAV em Toulouse que lançárom um bolo na cara da presidenta de Navarra. A LNB também se armou, mas com cabelo de anjo e com a explosiva gama de camisetas e suadeiras bilhardeiras que já se podem conseguir a dia de hoje através da loja on-line (<http://cgruan.blogspot.com>) para lançar alto e claro a sua poderosa mensagem. Desde o incio dos tempos, a filosofia de açom da LNB foi a de nom aguardar por ninguém nem por nada se queríamos conseguir algo, é isso o que exercemos à hora de criar o nosso entramado de gestom

desportiva, mediático e sonoro, por isso agora voltamos bater com o punho na mesa para apoiarmos incondicionalmente a primeira loja on-line de Merchandising Bilhardeiro. Esta loja, posta em funcionamento por Antón Romero, o sempre surpreendente ilustrador de Vila Garcia que atua baixo as siglas do coletivo RuAn, ele é o criativo e gestor desta brutal boutique a que obrigatoriamente tés que acudir para te vestires a moi bom preço com texturas e desenhos baseados no explosivo universo bilhardeiro. Estes espetaculares desenhos bilhardeiros vam atrair todas as olhadas identificando-te como umha palanadora ou palanador que desafia os convencionais-



mos desportivos e a podridom do Inditex star system. Ao impactante desenho do República Bilharda para todas as prendas também se soma o histórico "Força,

Coração e Palám" baseado no estalo vencedor de primeiro concurso de micro-relatos bilhardeiros realizado no Play Off Nacional de Conxo cinzelado por Sak: "Afia-me bem a bilharda, e vai preparando o varal, que vamos jogar um aberto afastadinhos no gestal". Com a realizaçom neste passado 11-M do Bilharda All Stars que converteu a vila de Cerzeda num imenso inferno de mates e varados confirmou-se a imparável açom nas seis conferências LNB em que se distribui o país, mas a cousa nom fica por aí porque a LNB está a preparar a sua irrupçom em territórios da Galiza histórica para que o Eu Návia, o Berzo e, mesmo, o Val das Elhas na Extremadura poi-

dam integrar-se nesta grande competiçom bilhardeira com pleno direito como entidades galegas. Assim, no próximo 5 de Abril com o Aberto de Bilharda do Berzo acende-se pois o grande facho para guiar as bilhardas e consolidar umha competiçom galega em toda a sua dimensom e plenitude, onde todos poidamos encontrar-nos para partilhar em harmonia e liberdade um mesmo desporto e umha mesma língua mae. Epicentros múltiplos para um mesmo conflito que se estende por todos os poros de um país que se reivindica a si mesmo com os paláns e bilhardas como única forma de existência e resistência possível. Bilharda Sempre, Adiante com o Varal!

Vitórias do desporto espanhol novamente sob suspeita de dopagem

A.RUA NOVA / A sanção ao ciclista Alberto Contador, positivo por clenbuterol, e a mais que provável sanção do TAS (Tribunal Internacional de Arbitragem Desportiva) ao atleta Paquillo Fernández (vinculado com uma rede de dopagem) põem de manifesto, mais uma vez, que no Estado espanhol existe um problema real com a dopagem. As sentenças do TAS evidenciaram a imagem do Estado espanhol como paraíso da dopagem, onde os principais desportistas espanhóis gozam de proteção, apoio e ajuda, mesmo em casos evidentes de dopagem. Contador foi defendido a capa e espada pela Federação Espanhola de Ciclismo e o Governo espanhol, fazendo ouvidos surdos às petições da AMA (Agência Mundial Antidopagem) e outros organismos internacionais que pedem políticas firmes para acabar com a dopagem no Estado espanhol. Analisamos os últimos escândalos da dopagem espanhola.

Caso Contador

Desde que foi publicamente conhecida a nova de que Contador deu positivo num controlo, o ciclista não deixou de receber apoios, mesmo o presidente do governo espanhol na altura de 2010, Zapatero declarava “*nom há razons jurídicas para sancionar a Contador*”. Na mesma linha se pronunciara Rajoy, defendendo firmemente o ciclista, nos dias em que o Comité de Disciplina Desportiva da Federação Espanhola de Ciclismo analisava o caso Contador e se reunia para tomar um veredito. Finalmente este organismo decidia não sancionar a Contador, desestimando a proposta de sanção que estava sobre a mesa. Uma sentença política emitida por um Comité pressionado e ao serviço dos interesses do desporto espanhol, motivos que levaram a intervir ao TAS. Lembremos que foi esse mesmo Comité o que sancionou o ciclista galego Ezequiel Mosquera em novembro de 2011. Condenado por ter um resultado “*nom apto*”, que não é positivo, mas condenado com a esperança

MARTA DOMÍNGUEZ



.....
Um médico imputado reconheceu que entre os seus clientes havia equipas de futebol

de salvar a Contador. (ver NOVAS DA GALIZA nº 109).

Mas, o TAS não aceitou a resolução espanhola e decide intervir, principalmente por dois motivos. Pela ingerência política e pela natureza da substância dopante, o clenbuterol, que é uma substância exógena, que o corpo humano não produz. A defesa de Contador afirmou que a substância chegou ao corpo do ciclista pela ingestão de carne contaminada, mas o TAS desestimou este argumento, analisando os rigorosos controlos europeus à produção da gado e a trazabilidade, determinando-se inverosímil que a carne estivesse contaminada, desestimando esta teoria. Para além disso, considerou-se que nas análises a Contador havia evidências de restos plásticos. Nos meios de comunicação espanhóis este facto foi ocultado sistematicamente, mas o certo é que nos controlos ao madrilenho apareceram presentes restos de plastificantes, um dos indícios mais evidentes de uma autotransfusão de sangue, prática

proibida pela AMA. Em conclusão, o TAS emite uma sentença firme e contundente. Declara a Alberto Contador culpável por dopagem, positivo por clenbuterol, sendo sancionado com 2 anos de suspensão, a retirada dos triunfos desportivos após o positivo e uma sanção económica.

A resolução deixou em evidência a Contador e às autoridades espanholas, que logo procuraram cortinas de fumo com que desviar a atenção. Recorreram ao típico vitimismo espanhol e à suposta inveja do mundo polos êxitos dos desportos espanhol, mentres em Europa, especialmente na França, empregaram o escárnio e duras críticas à gestão desportiva espanhola pela sua evidente ligação com a dopagem.

Operação Galgo

Esta mesma política espanhola de defesa dos sancionados não é nova. No 2010, as autoridades espanholas clausuram pronto a “Operação Galgo”, uma operação mais mediática que real, que buscava dismantlar uma rede de dopagem de distribuição de substâncias dopantes. Entre as imputadas esteve a vice-presidenta da Federação Espanhola de Atletismo e senadora do PP, a atleta Marta Domínguez. Segundo fontes da investigação, encontraram-se na sua casa medicamentos e documentação vinculados com a rede desar-

ticulada, mas finalmente a juíza Pérez Barrios exculpa a atleta dos cargos de dopagem, subministro e delito fiscal.

Operação Porto

Escandalosa também foi a denominada “Operação Porto” que perante a magnitude dos indivíduos implicados, as autoridades espanholas decidem fechar o caso após publicar só um reduzido número de nomes, todos ciclistas exclusivamente, e de segunda fila. O juiz Antonio Serrano proibiu aos investigadores aceder ao conteúdo dos dois computadores confiscados nos registros, e que presumivelmente teriam abundante informação e mais nomes de desportistas doutras disciplinas como o futebol, ténis e boxeio. Os relatórios da guarda civil apontavam nesta linha de trabalho, ao igual que as declarações do médico imputado na Operação, Eufemiano Fuentes, que reconheceu que entre os seus clientes “*havia equipas de futebol da primeira e segunda divisão espanholas, tenistas e atletas e ciclistas de categoria mundial*”, mas a ministra espanhola de Educação e Desportos, Mercedes Cabrera, e o Secretário de Estado para o Desporto, Jaime Lissavetzky, anunciaram que não havia nenhum tenista nem futebolista no sumário, quando já se começavam a escutar os nomes de Rafa Nadal ou Alejandro Valverde. Este últi-

mo, também protegido e ocultado, foi finalmente sancionado pela intervenção da justiça italiana, que comprova que o ADN de uma das sacas de sangue confiscadas é o mesmo que o do ciclista espanhol.

Esta Operação Porto, foi iniciada com um objectivo primordial, erradicar a imagem de Espanha como paraíso dos tramposos, para limpar essa estendida ideia de cointerferência com a dopagem e com a miséria de rematar com a crença de que os desportistas espanhóis têm barra livre com as substâncias proibidas. A Operação Porto puido ser o início de uma mudança de modelo, o de perseguição sem trégua aos farsantes.

O resultado final foi totalmente inverso. A “Operação Porto”, a “Operação Galgo” e o “Caso Contador” pugneram de manifesto no mundo inteiro no Estado espanhol não há um claro interesse por desvincular desporto e dopagem, e que a perseguição à dopagem é seletiva. Demonstrou-se que o Estado sempre protege os padrões do desporto espanhol, que gozam de proteção e imunidade total dentro das fronteiras do Estado, como nos acaba de mostrar o caso Contador, que vemos que não foi um caso isolado nem único. As autoridades espanholas sempre mostraram uma dupla vara de medir no desporto espanhol. As “vacas sagradas” ou os melhores desportistas de elite, sempre desfrutaram de excepcionais medidas de apoio de carácter político, económico e fiscal e também dispuseram de proteção mediática com campanhas de publicidade massivas em meios de comunicação públicos e privados. Nesta linha manifestou-se o médico Gérard Guillaume “o Estado espanhol segue a ser a plataforma da dopagem europeia”. Só nos últimos 10 anos, no Estado espanhol mais de 120 desportistas foram relacionados com o doping. Organismos internacionais reclamam uma política contundente contra o jogo sujo, mas no Estado espanhol não se mudou a estratégia. Som conscientes dos enormes réditos que estão a conseguir com o desporto. O projeto político espanhol avançou notavelmente com as vitórias de Alonso, Nadal, Contador ou a seleção espanhola de futebol. Não existe uma vontade real nem política de acabar com este grande negócio e lacra como é a dopagem no desporto e só assim se entende a defesa que fazem as instituições desportivas espanholas dos seus desportistas mais destacados, apoiados ainda que sejam culpáveis por dopagem.



A CRIANÇA NATURAL

Trata-se de umha decisom que só às mulheres deveria pertencer

Aumenta o número de galegas que escolhem o parto natural

Algo está a mudar no modo de nascer. Umha tendência que também se observa no resto do estado espanhol, devido a várias razons: um maior acesso à informaçom de carácter médico, a toma de consciência de que a decisom sobre como queremos parir as nossas crianças é património das mulheres e o aumento de hospitais e organizaçons que defendem um parto mais humanizado.



MARIA ÁLVARES / O certo é que a pequena escala cada vez som mais as mulheres que rejeitam os partos que se levam a cabo na maioria dos hospitais galegos desde há mais de 40 anos, e que rompeu com o modo tradicional de virmos ao mundo: na casa e acompanhadas por umha matrona que atendia todas as mulheres da aldeia ou do bairro.

O protocolo de partos habitual nos hospitais segundo indica Patricia Lopez Izquierdo, presidenta da associaçom o Parto é Nosso é o seguinte: “quando chegas ao hospital colhem-che umha via, tombam-te numha cama sem liberdade de movimentos, para acelerarem o parto escolhem a oxitocina, que pode causar sofrimento fetal e materno, com a dor das contrações a mae pede a epidural e se há risco de complicaçons bota-se mao do fórceps ou da cesariana”. As estatísticas nom fam mais que corroborar as denúncias que se fam desde as associaçons em defesa de um parto mais humanizado: os últimos dados do Sergas

apontam a que na Galiza 23% dos partos é através de cesariana (quando a taxa recomendada pola OMS estaria em 15%) enquanto nos hospitais privados esta porcentagem dispara-se até alcançar 40%. As episiotomias (técnica contraindicada também pola OMS- já que em vez de prever os desgarrs podem provocar danos maiores-) som praticadas em 90 % dos casos. O emprego de ventosa ou fórceps (que traz consigo umha maior agressividade no parto e pode derivar em danos na cabeça do bebé ou deformaçons na sua clavícula) situa-se ao redor de 18%.

De estas associaçons denunciavam, aliás, que os facultativos médicos sabem das consequências negativas da tecnificaçom e medicalizaçom do parto desde há já 25 anos, mas continuam empregando-se estas técnicas vigentes desde há 40 anos.

O mapa de hospitais galegos que advogam por um parto mais respeitado está reduzido a dous: o Hospital de Cee e o Salnés (centro de referência de muitas mulheres

que procuram ser respeitadas no seu parto). Neste último, que começou a implantar o protocolo para o parto normal (impulsionado pola Conselharia de Sanidade em 2008) contam com banheiras para dilataçom, salas individuais ambientadas com música e essências relaxantes, para além de empregarem a medicina natural para o alívio da dor (flores de Bach, massagens, moxibustom, aromaterapia...). Neste caso, as estatísticas falam por si mesmas: a taxa de episiotomias ronda 4-6%, as cesarianas situam-se em 12% e a instrumentalizaçom reduz-se até 6%. Mas os bons dados e a fama que atesoura este centro fam que muitos meses esteja colapsado, polo que os seus diretivos adotárom a decisom de nom receber mulheres que nom sejam da sua área de influência com o fim de nom piorar a qualidade do serviço.

Na procura de um parto respeitado, humanizado e longe de um hospital onde se tratam doenças, outras maes optam por dar a luz na casa. O número de galegas que

pariu na casa em 2011 chega à dúzia. Da Fundaçom Eomaia de Vigo (formada por matronas e doulas) assinalam que a falta de profissionais que atendam no fogar, a escassa informaçom que recebe umha mulher desta opção no sistema sanitário galego, o custo económico (que está entre os 1000 e 2000 euros) e sobretudo a “demonizaçom” desta prática, habitual e mesmo assumida por muitos sistemas sanitários europeus como Reino Unido ou Holanda, som dificuldades acrescentadas à escolha desta opção. Apesar destes inconvenientes, desde o 2007 as parelhas que tivérom aos seus filhos e filhas na casa chega a 25. As famílias destacam nesta prática “a importância do trabalho do pai, o empoderamento da mulher ao assumir umha funçom tradicional que lhe foi roubada pola classe médica e o bem-estar da criança dias depois do parto”.

Com o aumento de partos na casa, está a aumentar a formaçom de matronas, projetos como “casas de partos” e o número de matronas

que ajudam no trabalho do parto, em todo o país já som quatro ou cinco que tratam de cobrir todo o mapa da CAG.

No resto dos hospitais os partos continuam “a depender da sorte: o pessoal que esteja de guarda o dia em que a mae se ponha de parto” como reconhece Sarai Fernandes (doula), mas para as maes é importante saber que agora contam com umha ferramenta mais à hora de “pressionar” para ter um parto o mais natural possível; o plano de parto (impulsionado polo Ministério de Sanidade). Umha folha que se apresenta no hospital meses antes do parto explicando como desejamos que seja este.

O caminho por percorrer para conseguir um dos direitos mais fundamentais das mulheres e umha decisom que só a elas lhes deveria pertencer; tem muitos desafios resumidos em 40 anos de más práticas médicas, mas a informaçom e a conscienciizaçom estão a ser ferramentas indispensáveis num futuro mais esperançador para o parto na Galiza.

ENTREVISTA A PATRÍCIA VÁZQUEZ

“Neste tipo de parto tu és a protagonista e o teu corpo sabe como responder”

Tiveche a tua primeira criança num hospital e a segunda na casa. Que diferenças entre um parto e o outro?

O próprio embaraço de Xan foi diferente. Eu nom tinha informaçom, fazia-lhe caso aos médicos, à família e à opiniom geral. Tinha muitas expetativas postas no parto, mas quando chegou o momento levei umha decepçom. Nom foi doloroso nem traumático, mas tampouco especial. Estava soa num quarto, e nom sabia se acabava de parir ou me acabavam de operar de apendicite. Assim que decidim que a próxima vez que estivesse embaraçada queria sentir o que era parir: comecei a investigar, vim que havia

gente que escolhia outras condições e informei-me das matronas. O parto foi umha maravilha! Deixas-te levar, ninguém che di como te tes que colocar, na tua casa fas o que queres. És a protagonista, e o teu corpo sabe como responder. Aliás esteve presente Xan, porque eu queria que visse que a vida é um processo natural, nom ir a um hospital como quando estás enfermo.

E nos primeiros meses de vida da criança percebeche diferenças?

Sim. Por exemplo, Moraima nom teve esses choros dos primeiros dias que nom sabes a que respondem, porque muitas vezes esse pranto desconsolado é um



trauma do parto. Na lactância também há diferenças, porque a nena segundo saiu trepou ela soa e agarrou a teta. Com Xan tive muitas complicaçons, porque ao separá-lo da mae reprimos o seu instinto.

Com que dificuldades te atopa che na hora de informar-te?

Atopei-me com que buscar quem che ajudasse a parir na casa era um mundo um pouco clandestino. Todo o mundo sabia quem atendia mas ninguém o dizia. As organizaçons de parto natural devem estar submetidas a muita pressom, ainda que penso que hoje em dia cada vez é mais habitual. Estám também as dificuldades económicas, porque ainda que eu tive sorte e me atendeu umha amiga as matronas cobram 1.500 euros, e aliás eu nom conhecia a ninguém que o tivesse feito e me contasse a sua experiência.

QUE FAZER

16.03.2012 / OBRADOIRO ABERTO DE POESIA / 20:00 no museu Manuel Torres (Avenida de Ourense, 3). MARIM

Com o professor e escritor Emilio Insua. Organizam A.C. Almuinha e Queremos Galego.

16.03.2012 / GRUPO DE ESTUDOS / 20:30 no C.S. Mádía Leva! (Rua Serra de Ancares, 18). LUGO

História da Galiza a debate. Ceia posterior.

17.03.2012 / ROTEIRO POLA MEMÓRIA HISTÓRICA DO BAIRRO DE LAVADORES / 10:00 no L.S. Faísca (Rua Toledo, 7). VIGO

Com o historiador Román Lago. Ao finalizar haverá um jantar no centro social.

17.03.2012 / CONCENTRAÇÃO 'NEM CORTES DE DIREITOS NEM REFORMA LABORAL' / 17:00 no Mercado de Bertamiráns. AMES
Convoca a CNT.

17.03.2012 / FESTA FURANCHEIRA DE PRIMAVERA / 18:00 na Piconha. SALZEDA DE CASELAS

Organiza AVV Carvalheira. Inclui concurso de espantalhos.

17.03.2012 / OBSERVAÇÃO ASTRONÓMICA / 20:00 no Observatório Astronómico de Cotoade (Campo da Poça). COTOADE

Organiza Amigas da Cultura com a colaboração da A. Astronómica Sirio de Ponte Vedra. Inscrição no endereço de correio amigasdacultura@gmail.com.

17.03.2012 / OS 'AJUSTES ANTICRISE' A DEBATE / 20:30 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO
Intervêm Isidro Román (militante sindical) e Diego Lores (ODS-Coia).

17 e 18.03.2012 / OBRADOIRO DE HORTA ECOLÓGICA FAMILIAR / 10:00 no Centro de Educação Ambiental As Corcerizas (Pista florestal Arnude – Sam Mamede, km. 10). VILAR DE BAIRRO
Organiza Amigos da Terra. Inscrição no endereço de correio info@ascorcerizas.com.

21.03.2012 / CONCENTRAÇÃO 'NEM CORTES DE DIREITOS NEM REFORMA LABORAL' / 17:00 na Praça do Toural. COMPOSTELA
Convoca a CNT.

21.03.2012 / II MOSTRA DE DOCUMENTÁRIOS EM GALEGO / 19:30 no Ateneu Ferroliano (Rua Magdalena, 202-204). FERROL
Animam a participar achegando trabalhos em formato DVD.



A 21 DE MARÇO NO BAR AVANTE, EM COMPOSTELA

NOVAS DA GALIZA comemora o 10º aniversário com um encontro com o público leitor e festa

NOVAS DA GALIZA está de aniversário e vai celebrá-lo com um encontro com os leitores e leitoras e uma festa concerto baixo o lema '10 anos de jornalismo popular'. Será no Bar Avante (Cantom de Sam Bieito, 4), em Compostela.

O ato está previsto para o dia 21 de março e começa às 20:30 com um encontro de membros

da equipa de NOVAS DA GALIZA com o público do jornal. Participam Marta Rodríguez (jornalista), Iván García (da equipa de investigação), Antía Rodríguez (do Conselho de Redação) e Carlos Barros (diretor).

Às 21:30 haverá uma apresentação da campanha Vitaminas para o Galego, na que NGZ es-

tá implicado junto com mais de vinte meios de comunicação em galego. Intervém Xurxo Salgado (de Galicia Confidencial) em representação do grupo promotor.

A festa começa às 22:30 e conta com a atuação estelar dos Tres Trebóns. A continuação, foliada e festa rachada com Habelas Hainas e Pandereteiras Bouba.



HOMENAGEM A BASILIO CARRIL

Festa da Gaita em Arçua

A Associação Festa da Gaita Galega convoca para o dia 17 de março uma homenagem ao gaitero e artesão Basilio Carril em forma de Festa da Gaita Galega e Cantos de Taberna. A festa vai-se celebrar durante todo o dia no Multiusos de Arçua (começa às

12:00) e nos bares da vila, que vão ser palco do Canto de Taberna. Participam mais de vinte grupos, rondalhas e escolas de música tradicional. A homenagem está prevista para as 13:30 na Capela e às 15:00 vai haver um jantar de confraternidade.

21.03.2012 / PALESTRA SOBRE 'A GALIZA DE ROSALIA' / 20:00 no museu Manuel Torres (Avenida de Ourense, 3). MARIM

Com o professor e escritor Anxo Angueira. Organizam A.C. Almuinha e Queremos Galego.

21.03.2012 / PROJEÇÃO DE SE TOCA A UM, DE TRAVIS WILKERSON / 21:45 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA

Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG.

23, 24 e 25.03.2012 / III JORNADAS DA MOCIDADE GALEGA / Toda a jornada em diferentes espaços. TOMINHO E CAMINHA

Organiza Mocidade Nacionalista Galega. Programa completo de palestras, obradoiros e

lazer na página web <http://xornadasmng.org/>.

22.03.2012 / APRESENTAÇÃO DO LIVRO HISTÓRIA DAS MULHERES NA GALIZA / 20:00 na Aula de Cultura Ponte de Rosas (Avenida da Feira, 10). GONDOMAR

Participa Ofelia Rey Castelao, uma das autoras, e apresenta Milagres Chapela Iglesias. Organiza o Instituto de Estudos Minhoranos e Associação de Mulheres Area Loura.

22.03.2012 / PALESTRA SOBRE 'O CAMINHO DE EUSKAL HERRIA PARA A SUA LIBERDADE' / 20:30 na Sala Azul do Auditório Municipal (Rua da Canle, 2). OURENSE
Por Niko Moreno, portavoz de Ezker Abertzalea. Organiza A.C. A Esmorga dentro das jornadas

DE 9 A 13 DE ABRIL

Semana de Filosofia em Ponte Vedra

A Semana Galega de Filosofia chega à sua XXIX edição dedicada a 'Filosofia e Europa'. Vai-se celebrar no Auditório de NGB em Ponte Vedra. O programa, que se vai desenvolver do 9 ao 13 de abril, conta com palestras de Éric Toussaint, Xosé Luís Méndez Ferrín, Fermín Bouza Álvarez, Carlos Berzosa, Antón Baamonde, Ana Miranda, Francisco Louçã ou Giacomo Marra-mao. Mais informação em <http://aulacastelao.com/>.

'A crise territorial do Estado espanhol: respostas e alternativas da esquerda'.

23.03.2012 / CONCERTO SOLIDÁRIO COM A BIBLIOTECA ANARQUISTA A GHAVILHA / 22:00 no C.S.O. Palavea (Rua Rio Quintas, 31). CORUNHA

24.03.2012 / II ROTEIRO 'CONHECE O TEU AMBIENTE': CAMINHADA POLAS ZONAS HÚMIDAS DO LOURO / 10:00 no C. Cultural O Coto (Rubindo, 14 - Budinho). SALZEDA DE CASELAS

Informação sobre o programa em <http://www.ociorum.org>.

24.03.2012 / IV NOITE DRUPAL & GNU/LINUX / 11:00 na sede da da A.C. Ociorum (Rua Padeiras, 20-22, 1º C). CORUNHA

Informação sobre o programa em <http://www.ociorum.org>.

24.03.2012 / MANIFESTAÇÃO 'NIM CORTES DE DIREITOS NIM REFORMA LABORAL' / 12:00 na Alameda. COMPOSTELA
Convoca a CNT.

24.03.2012 / CONCERTO DE ROJO 2 / 22:00 no C.S.O. Palavea (Rua Rio Quintas, 31). CORUNHA

28.03.2012 / PROJEÇÃO DE THE SUBCONSCIOUS ART OF GRAFFITI REMOVAL, DE MATT MCCORMICK, E BUMMING IN BEIJING, DE WU WENGUANG / 21:45 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Organizam o Cineclube de Compostela e A Cuarta Pared. VOSG.

30.03.2012 / PALESTRA SOBRE 'A GALIZA COMO SUJEITO DE DIREITOS NACIONAIS NO SÉCULO XXI: PERSPETIVAS E OPORTUNIDADES' / 20:30 na Sala Azul do Auditório Municipal (Rua da Canle, 2). OURENSE
Por X.M. Beiras. Organiza A.C. A Esmorga dentro das jornadas 'A crise territorial do Estado espanhol: respostas e alternativas da esquerda'.

24.03.2012 / CONCERTO DE BEGOTTEN E KOROIEV / 22:00 no C.S.O. Palavea (Rua Rio Quintas, 31). CORUNHA

31.03.2012 / FESTA DE APRESENTAÇÃO DO NOVO DISCO DE RUXE-RUXE / 21:00 na Sala Capitol (Rua Concepción Arenal, 5). COMPOSTELA
Atuam Ruxe-Ruxe e Medomedá.

09.04.2012 / DIA DO ASSOCIATIVISMO CULTURAL / C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Mais informação no blogue <http://agal-gz.org/blogues/index.php/gent/>.

14.04.2012 / MANIFESTAÇÃO POLA DECLARAÇÃO DO MONTE PINDO PARQUE NATURAL / 12:00 na área recreativa do Ézaro. DUMBRIA
Finaliza na Praça da Solaina do Pindo. Convoca a Associação Monte Pindo Parque Natural.

14.04.2012 / CAMPEONATO DE MATRAQUILHOS / 21:00 no C.S. Gomes Gaioso (Rua Marconi, 9 - Atochas - Monte Alto). CORUNHA
Apadrinha Xurxo Souto, polo 85 aniversário do invento dos matraquilhos.

ENVIA CONVOCATÓRIAS ao correio agenda@novasgz.com antes do dia 12 de cada mês. Anuncia os teus atos no NOVAS DA GALIZA.

Rubén Centeno

UMHA PERSONAGEM SINISTRA CHAMADA GARZÓN

Som verdadeira-mente surpreenden-tes algunhas das mostras de apoio re-cebidas polo juiz Baltasar Garzón, umha pessoa que, afortunadamente, já nom poderá come-ter mais abusos contra os direitos e liberdades. Garzón - um péssimo instru-tor, mais pendente das câmaras que da qualidade das ins-truções que redigia (ou que diretamente plagiava dos relató-rios policiais)- pas-sará à história nom só por fechar meios de comunicações ou por valer-se de tes-temunhos obtidos sob tortura, mas por ter arruinado a vida de centenas de pes-soas inocentes no nome da luta anti-terrorista. Pessoas que fôrom persegui-das com sanha, cri-minalizadas, repri-midas e encarcera-das polas suas ideias políticas, igual que os nossos familiares. O mais horrível que pode-mos fazer às vítimas do franquismo é li-gar a sua memória à de umha persona-gem tam sinistra co-mo Garzón.



GABRIEL TIZÓN, FOTÓGRAFO E AUTOR DO LIVRO 'SONHADORES...'

“Descobrim que a pobreza é um idioma comum que humaniza a gente”

MARIA ÁLVARES / Com a sua câmara Gabriel Tizón percorreu alguns dos países mais pobres do mundo para achegarmos a outras realidades, histórias que falam de solidarieda-

de real, mas sobretudo de sonhos, unificados agora num li-vro auto-editado que leva por título Sonhadores... O seu pró-ximo projeto é umha dívida pendente: Galiza.

Como se “cozinha”este livro?
O livro é umha ideia que tinha na cabeça há tempo, tinha a ideia de mostrar os meus trabalhos jun-tos...há anos já recebera algunha proposta de algunha editorial, mas nom me animava.. agora vim-me com as forças necessárias, aliás, parece que nestes tempos a cultura está proibida desde o po-der com a escusa da crise, entom entram-me mais ganas de de-monstrar que nom.

E qual é o fio condutor, porque aparecem fotos de diferentes anos e países?
É um resumo das minhas viagens e o que guia todo som os seus sonhos. Na atualidade é mais fá-cil tirar polo dramático que pola alegria. Todas as pessoas que re-tratei e que aparecem no livro en-sinárom-me que renunciaram à re-signação, ao vitimismo; e o seu sustento som os sonhos, por pe-quenos que sejam.

E com as fotos como base contas as suas histórias...
Sim, nom podes ir a um lugar onde a gente vive na pobreza mais ab-soluta e falar do que te aconteceu a ti, os textos som histórias que me conta a mim a gente que retratei.

Nom pretendim em nengum mo-mento que estivesse mui bem es-crito, ainda que tratei de cuidar a linguagem. Sobre todo, o que que-ria era dar voz a quem nom a tem.

Por que apostache na autoedição?
Porque quigem adaptar-me aos tempos que correm, pedim ajuda a vários amigos e apostei por auto-financiar-me. Se algo bom tem a crise é a volta à coletividade, aprendes a que podes fazer cousas sem bancos, sem editoriais... As editoras temem crise quando que-rem. Para sacar o livro recibim vá-rias ofertas, mas se fago caso, faria outra cousa diferente ao que eu queria... às vezes compram a tua liberdade...e eu nom queria fazer negócio com este projeto.

O mal chamado terceiro mundo é umha paisagem a que sempre recorres...
Porque ali é onde está a ilusom de verdade, eu sempre digo que som ricos em todo menos em quartos, por isso me atrai, porque sempre che dam umha lição, em contra do que creem aqueles que vam ali a ensinar-lhes a viver melhor, som eles os que nos ensinam a nós. Es-tivem em África, na América do Sul, na Ásia... e descobrim que a

pobreza é um idioma comum que humaniza a gente: a solidariedade, as coletividades, a ajuda mutua... som quotidianas.

Mas esta gente procura realmen-te ser regatada?
É umha pergunta complicada, por um lado sabem que é bom que a gente saiba a sua realidade... mas há cooperação que “estorva”, e também há outra que beneficia. Quando vas ali, até que ponto pro-curas o teu próprio ego? Ajudando também te ajudas a ti mesmo, lim-pas a consciência...mas enquanto continue a ver na TV as barbarida-des que se cometem, penso que fa-go melhor indo e contando-o... no livro conto que umha senhora numha aldeia dos Andes pediu-me que lhe tirara umha fotografia, ti-rei lha e depois perguntou-me que faria com ela, respondim-lhe que mostrá-la no meu país, na Galiza, e ela agradeceu-me que a levasse de viagem.

Dirias que som mais livres?
Sim, os seus valores estão intactos, cooperam entre eles em troca de nada. A solidariedade nom pode ser esmola do rico ao pobre, mas pessoas que se ajudam e apoiam mutuamente... Como podes ser li-

vre chorando polo que che di a TV?, ou pensando que a crise de aqui é horrível enquanto em Somá-lia há 4 milhões de refugiados e es-tão a morrerem de fome?

De facto, ali nom existem doen-ças como a depressom que atin-gem só a população ocidental.
Nom, nem psiquiatras...em Africa nom sabiam o que era o suicídio, ali tiveram verdadeiros problemas para explicá-lo... agora começam a conhecê-lo, os emigrantes que fracassárom no seu sonho euro-peu começam a suicidar-se ao re-gressarem.

Para quando Galiza na tua câmara?
Já estou nisso, é um projeto em vigor, tenho umha grande dívida com o meu país. A proposta que figem a mim mesmo foi dar-me umha boa volta polo país e no fim do ano fazer um livro, umha ex-posição... Ainda nom o tenho claro, o que sim tenho claro é co-mo titulá-lo: Quase Galiza, por-que Galiza é umha palavra tam grande que é mui difícil poder re-tratá-la, quero que seja o mais atemporal possível e através da nossa gente, do mar, da terra, da festa, do choro... tanto a paisa-gem como a “paisanagem”.